

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Bacharelado em Jornalismo

Pedro Felipe da Silva Alt

**Uma Análise da Emissão de Repórteres da Rádio Gaúcha no Programa
Chamada Geral após a Integração de GZH**

Porto Alegre

2024

Pedro Felipe da Silva Alt

**Uma Análise da Emissão de Repórteres da Rádio Gaúcha no Programa
Chamada Geral após a Integração de GZH**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em Jornalismo
da Faculdade de Biblioteconomia e
Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Sandra de Fátima Batista de
Deus

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Alt, Pedro Felipe da Silva
Uma Análise da Emissão de Repórteres da Rádio
Gaúcha no Programa Chamada Geral após a Integração de
GZH / Pedro Felipe da Silva Alt. -- 2024.
77 f.
Orientadora: Sandra de Fátima Batista de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Radiojornalismo. 2. Convergência. 3.
Multiplataforma. 4. Rádio Gaúcha. 5. GZH. I. de Deus,
Sandra de Fátima Batista, orient. II. Título.

Pedro Felipe da Silva Alt

Uma Análise da Emissão de Repórteres da Rádio Gaúcha no Programa Chamada Geral após a Integração de GZH

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Sandra de Fátima Batista de Deus

Aprovado em: Porto Alegre, 07 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Sandra de Fátima Batista de Deus, doutora em Comunicação e Informação (UFRGS)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Luiz Artur Ferraretto, doutor em Comunicação e Informação (UFRGS)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Eloísa Beling Loose, doutora em em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR e doutora em Comunicação pela UFRGS
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ao Governo Federal, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (minha segunda casa por mais de uma década, em dois diferentes momentos), à Rejane, à Luisa e à Fita, minhas companheiras de vida.

AGRADECIMENTOS

Penso ser fundamental agradecer, antes de tudo, a existência do ensino superior em sua natureza pública. Vilipendiada das mais diversas formas nos últimos anos, a universidade pública persevera, se reinventa e segue oferecendo a oportunidade a milhões de brasileiros de ter a qualificação profissional necessária para progredir – eu sou um deles. Por duas vezes, posso ter a chance de dizer que cursei os melhores cursos do país graças à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No âmbito pessoal, gostaria de agradecer à minha mãe, Rejane, e à minha avó, Emília, que me proporcionaram uma criação fantástica, um ambiente familiar rico e a base para tudo que desenvolvi ao longo da minha vida, desde um ovo frito até uma monografia. Nada do que fui, sou ou serei teria qualquer fundamento se não fossem as suas presenças.

Também preciso agradecer à Luisa, especialmente por ter tido tanta paciência comigo nos últimos meses e por ser quem é, me mostrando as facetas mais tranquilas e gostosas do amor.

Agradeço aos componentes da banca, representados pelos professores Luiz Artur Ferraretto e Eloísa Loose, pela disponibilidade em ler meu trabalho e participar dos ritos da banca. Agradeço em especial à professora Sandra de Deus, minha orientadora, pelos conselhos, pelo carinho comigo e pela parceria ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Não apenas é um exemplo como professora, mas também como pessoa e fico muito orgulhoso em poder dizer que foste minha orientadora.

Não posso deixar de agradecer a inúmeras figuras do meio profissional que colaboraram de alguma forma para a formação de quem, hoje, escreve este trabalho após ter trabalhado mais de três anos no meio rádio em paralelo à universidade, seja na Gaúcha, seja na Guaíba. Seria impossível enumerá-las, mas cito em especial Carlos Guimarães, que me levou para a Guaíba lá em 2019, Andressa Xavier e Mariana Ceccon, que me levaram para a Gaúcha em 2021, e Vicente Nolasco, sonoplasta do Grupo RBS que foi fundamental no acesso ao acervo de que dispõe este trabalho. Registro, aliás, o meu agradecimento a todo profissional da técnica de meios de comunicação, o qual muitas vezes não é citado e é a base para a apresentação de qualquer produto jornalístico.

*Yo quiero seguir jugando a lo perdido
Yo quiero ser a la zurda más que diestro
Yo quiero hacer un congreso del unido
Yo quiero rezar a fondo un hijo nuestro
Dirán que paso de moda la locura
Dirán que la gente es mala y no merece
Mas, yo partiré soñando travesuras
Acaso multiplicar panes y peces*

Silvio Rodríguez, *El Necio*

RESUMO

Este trabalho busca apresentar uma análise da emissão de repórteres no programa “Chamada Geral”, pertencente à grade de programação da Rádio Gaúcha, antes e depois da formação da Redação Integrada de GZH. Para isso, é inicialmente apresentado um panorama do Radiojornalismo, com as particularidades do trabalho do repórter e do trabalho jornalístico no meio rádio. Posteriormente, é apresentada uma proposta de periodização da radiodifusão, com ênfase na chamada fase da “convergência”, que abarca o período analisado no objeto do trabalho. Também são delineadas as principais características do jornalismo multiplataforma, base sobre a qual opera a Redação Integrada de GZH, formada em 2017 e cuja criação é igualmente contextualizada a partir de uma apresentação dos percursos do jornal Zero Hora e da Rádio Gaúcha em um processo de convergência. O objeto do trabalho, então, é apresentado, com o detalhamento de cinco edições do programa “Chamada Geral”, com análise de características da apresentação dos boletins jornalísticos a partir da formação de roteiros do conteúdo apresentado em cada uma das edições.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Convergência; Multiplataforma; Rádio Gaúcha; GZH; Chamada Geral.

RESUMEN

Este trabajo busca presentar un análisis de la emisión de reporteros em el programa “Chamada Geral”, perteneciente a la programación de Rádio Gaúcha, antes y después de la formación de la Redacción Integrada de GZH. Para ello, se presenta inicialmente una visión general del periodismo radiofónico, con las particularidades de la labor del reportero y del trabajo periodístico en el medio radio. Posteriormente, se presenta una propuesta para la periodización de la radiodifusión, con énfasis en la fase denominada “convergencia”, que abarca el período analizado en el objeto del trabajo. También se esbozan las principales características del periodismo multiplataforma, base sobre la que opera la Redacción Integrada GZH, constituida en 2017 y cuya creación también se menciona, con el debido contexto y camino recorrido por el periódico Zero Hora y la Radio Gaúcha en un proceso de convergencia. Luego se presenta el objeto del trabajo, con detalles de cinco ediciones del programa “Chamada Geral”, con un análisis de las características de la presentación de los boletines periodísticos a partir de la formación de guiones de los contenidos presentados en cada edición.

Palabras-Clave: Periodismo Radiofónico; Convergencia; Multiplataforma; Rádio Gaúcha; GZH; Chamada Geral.

ABSTRACT

This work seeks to present an analysis of the broadcast of reporters on the programme “Chamada Geral”, which belongs to the schedule of Rádio Gaúcha, before and after the formation of the GZH Integrated Newsroom. To this end, an overview of Radiojournalism is initially presented, with the particularities of the reporter's work and journalistic work in radio. Subsequently, a proposal for the periodisation of broadcasting is presented, with emphasis on the so-called “convergence” phase, which covers the period analyzed in the object of the work. The main characteristics of multi-platform journalism are also outlined, the basis on which the GZH Integrated Newsroom operates, being formed in 2017 and whose creation is also mentioned, as well as the paths and contexts beared by Zero Hora and Rádio Gaúcha. The object of the work is then presented, with details of five editions of the “Chamada Geral” programme, with an analysis of the characteristics of the presentation of journalistic bulletins based on the formation of scripts for the content presented in each edition.

Keywords: Radiojournalism; Convergence; Multi-platform; Rádio Gaúcha; GZH; Chamada Geral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 22/09/2015.....	46
Figura 2 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 22/09/2015.....	47
Figura 3 – CHAMADA GERAL 2ª EDIÇÃO DE 20/07/2017.....	50
Figura 4 – CHAMADA GERAL 2ª EDIÇÃO DE 20/07/2017.....	51
Figura 5 – CHAMADA GERAL 2ª EDIÇÃO DE 20/07/2017.....	52
Figura 6 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 06/11/2019.....	55
Figura 7 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 06/11/2019.....	56
Figura 8 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 06/11/2019.....	57
Figura 9 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 01/07/2020.....	60
Figura 10 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 01/07/2020.....	61
Figura 11 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 01/07/2020.....	62
Figura 12 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 09/01/2023.....	64
Figura 13 – CHAMADA GERAL 1ª EDIÇÃO DE 09/01/2023.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GZH – GaúchaZH

RBS – Rede Brasil Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1.	METODOLOGIA.....	19
2	RADIOJORNALISMO E CONVERGÊNCIA	22
2.1	RADIOJORNALISMO E A FIGURA DO REPÓRTER	22
2.2	PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL E A FASE DA CONVERGÊNCIA	26
3	JORNALISMO MULTIPLATAFORMA E A FORMAÇÃO DE GZH	32
3.1	A PUBLICAÇÃO MULTIPLATAFORMA	32
3.2	A FORMAÇÃO DE GZH: CONTEXTOS E PERCURSOS.....	36
4	ANÁLISE DA EMISSÃO DE REPÓRTERES NO PROGRAMA CHAMADA GERAL ANTES E DEPOIS DA FORMAÇÃO DA REDAÇÃO INTEGRADA DE GZH	42
4.1	CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 22 DE SETEMBRO DE 2015.....	43
4.2	CHAMADA GERAL – 2ª EDIÇÃO DE 20 DE JULHO DE 2017	47
4.3	CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 2019.....	53
4.4	CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 1º DE JULHO DE 2020.....	57
4.5	CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 9 DE JANEIRO DE 2023	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS.....	70

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno a ser apresentado neste trabalho corresponde aos possíveis efeitos da integração de uma redação, dentro do contexto de “convergência” no Radiojornalismo, sobre a emissão dos meios envolvidos. Mais especificamente, como objeto de pesquisa, são analisados os conteúdos do programa Chamada Geral, um dos noticiosos diários da Rádio Gaúcha, antes e depois da integração das redações de Rádio Gaúcha e Zero Hora, que culminaram na criação da marca GZH, em setembro de 2017.

Primeiramente, é necessário destrinchar algumas das categorias apresentadas. No que diz respeito à convergência no Jornalismo, ela emergiu de forma mais potencializada ao longo do Século XXI em diferentes meios, mas já apresentava alguns elementos característicos no final do século passado (JENKINS, 2009). Segundo Calafate (2016, p. 10), ela pode ser descrita como “uma produção integrada, em que as redações dos diferentes veículos trabalham juntas para divulgar um fato o mais rápido possível em todos os suportes do grupo”. Nesse sentido, muitos profissionais moldam seu ofício com o objetivo de trabalhar em diferentes plataformas, frequentemente de forma simultânea.

O fenômeno acima descrito pode ser exemplificado na prática justamente pela integração da Redação de GZH, instituída em setembro de 2017. Até então, a redação da Rádio Gaúcha ficava em um setor distinto do Jornal Zero Hora, embora localizada no mesmo edifício. Atualmente, todos os repórteres estão no mesmo salão, localizado no quarto andar do prédio do Grupo RBS localizado na Avenida Ipiranga, no bairro Azenha, em Porto Alegre. A intenção era, convergindo em GZH, mesclar os conteúdos do impresso e do rádio no Grupo RBS. Na prática, toda apuração feita por repórteres do impresso e do digital será, idealmente, emitida na Rádio Gaúcha, assim como todo conteúdo apurado por repórteres da Rádio Gaúcha estará em GZH.

Ferraretto (2012), por sua vez, utiliza o termo “convergência” para apresentar uma nova fase em uma proposta de periodização da história do rádio no Brasil. Consoante ao conceito trabalhado por Jenkins, uma nova fase se inauguraria a partir de transição tecnológica intensificada em meados dos anos 1990, constituindo um

corte a partir do qual uma estratégia empresarial dominante faz com que as transmissões radiofônicas ultrapassem as meras ondas hertzianas.

O Chamada Geral foi criado, segundo Ferraretto e Saballa Jr. (2018), em meados dos anos setenta, mas deixou de ser emitido entre 1981 e 1984. Em sua fase inicial, ocupava a faixa das 18h às 18h30. Quando retornou, em 1984, passou a ser transmitido das 17h às 18h. Em dezembro de 1990, ganhou uma edição matutina, das 11h às ao meio-dia, passando a se desmembrar entre o “Chamada Geral – Primeira Edição” e o “Chamada Geral – Segunda Edição”. Em ambas, é líder de audiência em seus respectivos horários no segmento radiojornalismo, segundo pesquisas divulgadas internamente pela Rádio Gaúcha e realizadas por institutos de pesquisa. Atualmente, a ancoragem do “Chamada Geral – Primeira Edição” é de titularidade de Antônio Carlos Macedo e a do “Chamada Geral – Segunda Edição”, por sua vez, é de Ramon Nunes.

O “Chamada Geral” é um programa composto de quatro blocos, majoritariamente formados por boletins jornalísticos. Os boletins consistem em repórteres de GZH – e, antes de 2017, apenas da Rádio Gaúcha – entrando no ar, prioritariamente ao vivo, emitindo pautas previamente apuradas. No Chamada Geral, a interação com o âncora é limitada, embora não extinta. As entradas eventualmente apresentam sonoras, como são chamados os arquivos de áudio compostos por vozes que não a do repórter, embora não seja um requisito. Em sua primeira edição, Macedo ancora o programa remotamente desde 2020; Panke ancora a segunda edição do estúdio localizado na Redação Integrada de GZH.

No caso específico da Rádio Gaúcha, a fase de convergência inicia já na década de 1990, sobretudo através de maior interação com o público e jornalismo multimídia (FERRARETTO, 2018, acesso online). O autor também distingue esse processo em três níveis: o tecnológico, o de conteúdo e o dos profissionais empregados. Hoje, a Rádio Gaúcha inclusive já é chamada apenas de Gaúcha, mudança provocada pela própria empresa em um movimento que compreende a produção de conteúdos convergentes, direcionados a diversas plataformas (SABALLA JR., 2019).

Os fenômenos descritos na seção anterior fazem com que os profissionais do jornalismo hodierno apresentem o resultado de suas apurações em diferentes plataformas. Na pesquisa em questão, por exemplo, jornalistas vinculados ao Grupo RBS têm de apresentar determinada pauta em meio digital – GZH ou até mesmo o g1 RS –, radiofônico – Rádio Gaúcha – e, a depender da relevância de sua apuração, também em mídia impressa – representada atualmente pelos jornais Zero Hora e Diário Gaúcho – e televisão – RBS TV.

Alguns pesquisadores são críticos a esse acúmulo de funções. Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 79 apud SABALLA JR., 2019, p. 41), por exemplo, afirmam que essa atuação multiplataforma é provocada mais “pelos tecnologias digitais de edição e de distribuição de conteúdos on-line do que propriamente pela sinergia com outros meios de comunicação.”

Nesse sentido, a pesquisa aqui proposta ensejou, a partir de análise de dados primária – a partir de confecção dos roteiros de edições de programas selecionados – e secundária – através de bibliografia especializada que contextualiza a convergência multimídia no Grupo RBS –, avaliar se a emissão dos repórteres se alterou desde a integração das redações no “Chamada Geral”.

Para isso, cinco edições do programa foram analisadas: duas antes do advento da Redação Integrada de GZH – em 2015 e 2017 – e três após a criação deste espaço – em 2019, 2020 e 2023. Procurou-se conjugar, na escolha das edições analisadas, a presença de um forte elemento factual ao acesso às edições em si.

Um desafio na pesquisa desenvolvida é a localização, a roteirização, a decupagem e a eventual transcrição de arquivos de áudio do Chamada Geral. Conforme levantamento feito inicialmente junto à equipe de sonoplastia e arquivo da Rádio Gaúcha, a programação da emissora estaria disponível integralmente em arquivos a partir de setembro de 2016, com períodos randomicamente estabelecidos antes dessa data, uma questão justificada pela falta de um arquivo gerido pelo veículo.

Contudo, essa informação não se provou verdadeira: até mesmo em períodos posteriores à criação da Redação Integrada de GZH o armazenamento de conteúdos é feito aleatoriamente, com programas gravados por eixos temáticos, normalmente a pedido de algum dos profissionais envolvidos, ou pela importância histórica do

programa em questão. Nesse sentido, em diálogo com a equipe técnica da Rádio Gaúcha, consegui elencar cinco edições do Chamada Geral buscando selecionar programas que fossem permeados pela presença de algum elemento factual de relevância jornalística, conjugando o acesso ao material.

A escolha do programa a ser analisado – o Chamada Geral – é simples, por se tratar do principal programa noticioso protagonizado da reportagem da Rádio Gaúcha, como o próprio mote do programa sintetiza. O programa conta com duas edições: uma matinal e uma vespertina, cada qual com uma hora de duração.

Nesse sentido, o problema de pesquisa proposto é: “quais as possíveis mudanças na emissão de boletins elaborados no programa ‘Chamada Geral’ após a integração das redações de Rádio Gaúcha e Zero Hora, com o advento de GZH, em setembro de 2017?”

A fim de responder ao problema de pesquisa, esboçam-se alguns objetivos:

- 1) Objetivo geral: estabelecer uma análise do programa Chamada Geral em cinco diferentes edições, duas das quais anteriores à formação da Redação Integrada de GZH e outras três, por sua vez, posteriores.
- 2) Objetivos específicos:
 - a. Traçar um panorama do meio rádio, com enfoque nos gêneros abarcados pelo programa “Chamada Geral”, no Radiojornalismo e no trabalho do repórter;
 - b. Apresentar uma periodização da história do rádio no Brasil, com ênfase na contemporânea fase da convergência;
 - c. A partir da apresentação da publicação multiplataforma, esboçar contextos e percursos percorridos por Zero Hora e Rádio Gaúcha rumo à criação da Redação Integrada de GZH.

Baseado em meu interesse por disciplinas de Radiojornalismo, como as de mesmo nome (I, II e III) e Fundamentos de Rádio e Televisão, bem como em meu trabalho como estagiário por mais de três anos na Rádio Guaíba e na Rádio

Gaúcha, tenho a intenção de trabalhar o Radiojornalismo em meu Trabalho de Conclusão de Curso. Não apenas trabalho ou trabalhei no meio rádio, mas também, não só por ofício, consumo muito os produtos radiofônicos. Nesse sentido, a justificativa pessoal passa por meu interesse genuíno pelo tema e, também, por ter logrado constituir uma rede profissional no meio, que possibilita ter acesso a alguns insumos fundamentais para o trabalho, como os próprios arquivos de áudio de programas de anos atrás.

Socialmente, e penso que isso também perpassa o lado pessoal, justifico a pesquisa proposta por me preocupar com o trabalho jornalístico em uma era de demandas em diversas plataformas. Trabalhar em um só meio de comunicação já se faz deveras desgastante e difícil por si só, um ofício de constantes pressões e pouca margem para a presença do erro. Contudo, entregar conteúdo em rádio, jornal, sites, redes sociais e, eventualmente, televisão parece tornar as coisas ainda mais complicadas. Assim, para a classe jornalística, compreender esse processo e eventuais consequências sobre o trabalho da figura do repórter também é, na minha visão, uma justificativa relevante.

A partir de levantamento feito em quatro diferentes repositórios de trabalhos acadêmicos – Banco de Teses e Dissertações da Capes, Lume/UFRGS, Anais da Intercom e Repositório da Unisinos –, foram encontrados ao menos 19 trabalhos que lidaram com os temas Radiojornalismo, convergência, jornalismo multiplataforma, Rádio Gaúcha, GZH, e/ou Chamada Geral desde 2017. Ademais, foi encontrado um trabalho de 2014, que, no âmbito do jornal Zero Hora, fez um estudo de caso sobre os primeiros passos rumo à integração que aconteceria três anos depois, abordando a redação que, à época, mesclava jornalistas que trabalhavam com o impresso e o digital (SEIBT, 2014). Oito trabalhos estão vinculados ou foram confeccionados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entre esses trabalhos, 14 lidam diretamente com GZH, dos quais três abordam diretamente o programa Chamada Geral. Dois trabalhos em específico, de Saballa Jr. e Ferraretto (2018) e Saballa Jr. (2019), chegam a propor uma análise histórica das mudanças na participação do repórter no Chamada Geral – contudo, o trabalho aborda mais centralmente uma mudança da emissão de notícias gravadas para a emissão ao vivo, uma característica que seria mais vinculada a possibilidades

oferecidas pela transição tecnológica do que pelas mudanças na práxis jornalística, conforme o resultado apresentado pelos autores. Outro trabalho, de Plentz (2010), apresenta um detalhamento do “Chamada Geral”, embora o fenômeno analisado seja a abordagem de temas periféricos no noticiário.

Nesse sentido, o estado da arte aponta que o fenômeno a ser pesquisado tem ecos na Academia brasileira contemporaneamente, não apenas no sentido do objeto pesquisado. Contudo, o trabalho também pode apresentar singularidade, já que não foi feita, segundo o levantamento obtido, uma comparação na apuração dos programas da Gaúcha em um antes e depois da Redação Integrada; os trabalhos encontrados fizeram uma trajetória histórica da Rádio Gaúcha, de Zero Hora ou propuseram um recorte diferente ao objeto pesquisado, no sentido temático ou de emissão de reportagens. Assim, há, também, um sentido de continuidade na pesquisa proposta.

Quanto ao referencial teórico sobre o qual o trabalho se debruçou, é importante destacar algumas obras. Fundamental para a compreensão do Radiojornalismo e da Radiodifusão é o trabalho de Ferraretto (2001), onde são apresentadas as diferentes fases do Radiojornalismo aplicado à realidade brasileira: implantação, estruturação, reestruturação e segmentação. Ademais, a obra também elenca os elementos que sustentam o meio rádio, incluindo elementos técnicos.

Posteriormente (2012), o autor também faz o acréscimo da fase da convergência a uma proposta de periodização do meio rádio – nela, a utilização do termo “convergência” apresenta uma conotação consoante àquela de Henry Jenkins (2009), que aborda a convergência enquanto “cultura”, vigente desde fins do Século XX. tanto do ponto de vista histórico quanto das aplicações na contemporaneidade, como as integrações de redações, o foco no digital e suas consequências sobre a lida jornalística acabam por alterar o processo de apuração jornalística ao mesmo tempo em que podem, se bem compreendidas e executadas, potencializar o alcance do trabalho jornalístico.

Uma década antes, Roger Fidler (1998) havia apresentado o conceito de “mediamorfose”, segundo o qual todos os meios de comunicação, no sentido mais amplo possível do termo, coexistem, coevoluem e se coadaptam. Estaríamos, para o

autor, em um terceiro momento de uma evolução que principiou há muito tempo, nas pinturas rupestres: a era digital. Mais do que isso, o autor destaca o fato de que os momentos nem sempre se destacam como êxitos profissionais ou comerciais – muitas vezes eles demoram a concretizar sucessos nesses sentidos, somente sendo compreendidos posteriormente.

Nesse sentido, Souza (2020) aponta, no Radiojornalismo, dois estudos de caso de impactos da convergência digital: CBN e Bandnews. Após uma integração entre apuração jornalística e cuidado com suas versões digitais, ambas as rádios se apresentam como elementos de sucesso em tempos discordantes para as emissoras radiofônicas.

Ainda no contexto da convergência no Radiojornalismo, Saballa Jr. (2019) também apresentou uma análise da fase em questão quanto à preponderância do ao vivo na Rádio Gaúcha nas emissões de repórteres, fazendo um acompanhamento de diferentes programas na grade da emissora e relatando a preponderância do “ao vivo”. Ademais, junto a Ferraretto (2018), o autor apresenta uma evolução histórica do “Chamada Geral” ao longo das décadas, fundamental para a compreensão da estrutura do programa.

Outro trabalho que aborda de forma interessante essa situação é o de Paganella (2018). Nele, a partir de uma visão que emerge da Economia Política da Comunicação, a lógica empresarial também se faz presente. Segundo o autor, o trabalho de apuração jornalística é, atualmente, afetado diretamente por uma série de decisões de ordem econômica, empresarial e comercial, que colocam o repórter sob a pressão de ter um rendimento que não é, idealmente, o que se espera de um jornalista.

Para o caso específico do Radiojornalismo no Rio Grande do Sul, aliás, além do supracitado trabalho de Saballa Jr., outra obra de Ferraretto (2007), é fundamental para a compreensão histórica, econômica e jornalística da evolução, em específico, da Rádio Gaúcha. Nela, o autor aponta que, entre os anos 1980 e 2000, a emissora adaptou sua programação às demandas técnicas, tecnológicas e comerciais dos tempos mais hodiernos – especialmente no que diz respeito a diferentes padrões de emissão, transitando entre o gravado, preponderante em tempos passados, até o ao

vivo, possibilitado pela transição tecnológica aberta pelos avanços telecomunicativos do Século XXI.

Ferraretto também propôs, ao lado de Justino (2019), uma pesquisa em que é mostrado como o processo de formação da redação integrada de GZH afetou os processos gerenciais da Rádio Gaúcha. Similarmente, antes mesmo da formação da redação integrada de GZH, Seibt (2014) apresentou um panorama de como Zero Hora, enquanto jornal impresso, estava inserindo seus processos editoriais na lógica de convergência, especialmente na esfera digital. O foco do trabalho era demonstrar como a lógica de uma mídia analógica buscava propor uma alternativa com foco no digital, mesmo que isso, para a autora, sacrificasse boa parte dos esforços jornalísticos.

1.1. METODOLOGIA

Quanto à metodologia, sendo o objetivo geral do trabalho realizar um levantamento das entradas apresentado pelo “Chamada Geral” antes e depois da integração da Redação Integrada de GZH, a pesquisa proposta é descritiva, uma vez que busca listar características de determinado fenômeno, lançando mão de coleta de dados (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Paralelamente, visando à busca de padrões nos materiais levantados e que não receberam tratamento analítico e mensurando dados obtidos, a pesquisa também apresenta caráter exploratório. Ademais, a pesquisa proposta aborda um fenômeno que ainda não foi estudado enquanto tal, apesar de seus atores serem pesquisados pela Academia. Ela também apresentará coleta de dados acerca de determinado fato, de modo a aproximar e estabelecer uma visão geral a respeito (GIL, 2008).

Dialogando com os objetivos específicos, antes de analisarmos o fenômeno proposto, é preciso conhecer onde ele se dá, além das características próprias desse ambiente. Assim, a pesquisa bibliográfica é fundamental e necessária, de modo a estabelecer bases sobre as quais se pode avançar no problema de pesquisa (DUARTE; BARROS, 2005).

Na esteira do que foi apresentado no parágrafo anterior, aqui se faz presente a pesquisa bibliográfica, uma vez que o fenômeno da convergência, bem como o da integração, com aprofundamento do jornalismo multiplataforma, são conceitos já abordados na bibliografia especializada. A utilização dessa estratégia permite uma gama maior de cobertura de fenômenos a partir de livros e artigos já confeccionados por outros autores (GIL, 2008). Outrossim, a pesquisa documental será utilizada neste objetivo específico, uma vez que, a partir de acesso a material primário, sem tratamento analítico, também se abordará esses conceitos durante a pesquisa (GIL, 2008).

Já que utiliza materiais que não receberam tratamento analítico, como supracitado, a pesquisa documental também será utilizada neste objetivo específico (PRODANOV; FREITAS, 2013). O acesso a fontes que não as secundárias também pode ser uma característica apontada para este tipo de estratégia (GIL, 2008).

A coleta de dados acessada foi propiciada pelo contato junto a membros da equipe técnica da Rádio Gaúcha, que propiciaram o manuseio dos arquivos de áudio analisados. A constituição de arquivo consolidado da emissora não ocorre há anos com um espaço adequado para tal, anteriormente localizado em um ponto pertencente ao Complexo Ipiranga do Grupo RBS, mas inexistente há anos.

Assim, o acesso aos arquivos se deu graças à manutenção não-sistemática de programas emitidos pela Rádio Gaúcha, os quais aleatoriamente – ou a pedido de apresentadores, repórteres ou através da relevância jornalística das temáticas de determinadas edições de programas – são armazenados pelos próprios sonoplastas e técnicos. A escolha das edições, procurando estabelecer os critérios estabelecidos pelo trabalho, acabaram abarcando factuais de valor-notícia e o período analisado ao longo da pesquisa.

Outrossim, a análise das edições procurou atender critérios quantitativos e, quando possível, qualitativos. Dessa forma, adotaram-se as seguintes categorias: duração de boletins, número de jornalistas constituindo entradas nas edições, número de boletins, repetição de jornalistas e a origem dos jornalistas – oriundos do impresso ou do meio rádio – e a utilização de sonoristas – elemento explicado ao longo do trabalho. Também foram apresentadas características pertencentes à fase de

convergência, como a interatividade e a transmissão em redes sociais, quando emergiram ao longo das edições.

Quanto à estrutura dos capítulos, além deste, de caráter introdutório, e do capítulo final, reservado às considerações finais da pesquisa, o trabalho apresenta três capítulos, sendo dois de caráter predominantemente teórico e um terceiro capítulo, este de natureza analítica.

No primeiro, é feita uma tentativa de elencar os elementos mais estruturantes do Radiojornalismo e do meio rádio, além de ser apresentada a proposta de periodização da história do meio rádio a partir de Ferraretto (2001; 2012), a conjugação ao conceito de “cultura de convergência” apresentado por Jenkins (2009) e também um aprofundamento dos impactos da convergência na produção jornalística e no meio rádio.

No segundo capítulo, é feito um panorama da publicação multiplataforma e, posteriormente, uma descrição do estabelecimento da Redação Integrada de GZH, criada em setembro de 2017, com enfoques também na própria Rádio Gaúcha e no jornal Zero Hora.

No quarto capítulo, é feita a roteirização e análise de cinco edições do programa “Chamada Geral” ao longo de um período que vai de 2015 a 2023. Além da contextualização dos programas, é feita a especificação do número de entradas de repórteres, período de emissão de boletins, predominância ou não do “ao vivo”, utilização de sonoras e do número de jornalistas que se fazem presentes ao microfone.

2 RADIOJORNALISMO E CONVERGÊNCIA

Este capítulo será dividido em duas seções: uma voltada para o meio rádio, o radiojornalismo e o trabalho do repórter. Nela, se lançará mão dos trabalhos de Ferraretto (2022), que versa sobre uma mudança na percepção sobre a natureza do meio de uma visão focada na técnica para uma nova visão, provocada pelo advento da internet e uma nova lógica de disseminação de conteúdo, e de Ferraretto e Saballa Jr. (2020), que apresentam características do trabalho do repórter e da reportagem. Também são elencadas as características dos gêneros informativo e utilitário, a partir de proposta de Melo (2012).

Posteriormente, será apresentada a proposta de periodização da história do rádio no Brasil, com foco na fase da “convergência”, vigente desde meados da década de 1990, a partir de adventos não apenas tecnológicos, mas também culturais (FERRARETTO, 2012), bem como a consonância com a cultura da convergência (JENKINS, 2009) e uma proposta de abordagem dessa fase contemporânea através da Economia Política da Comunicação (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010). Ademais, serão apresentadas bases para o estudo do impacto da convergência na própria produção jornalística (DOMINGO ET AL., 2007).

2.1 RADIOJORNALISMO E A FIGURA DO REPÓRTER

No final do Século XX, o rádio ainda era categorizado a partir de suas características meramente técnicas, focadas na emissão e na recepção (FERRARETTO, 2022). A visão ainda predominava no início do presente século. Meditsch (2001, *apud* FERRARETTO, 2022), por exemplo, definiu o meio da seguinte forma:

Um meio de comunicação sonoro, invisível e que emite em tempo real. Se não for feito de som não é rádio, se tiver imagem junto não é mais rádio, se não emitir em real (o tempo da vida real do ouvinte e da sociedade em que está inserido) é fonografia, também não é rádio... É uma definição radical, mas permite entender que o rádio continua rádio (como meio de comunicação) quando não transmitido por onda de radiofrequência.

Com a disseminação da internet e da possibilidade de consumo de conteúdos radiofônicos em momentos distintos daqueles de emissões originais, foi desenvolvida uma abordagem distinta. Anos depois, o próprio Meditsch (2010, p. 201 *apud* FERRARETTO, 2022) reviu sua posição, buscando estabelecer o meio como uma “criação cultural” sendo, também uma “instituição social”, sinalizando uma ruptura com a visão anterior:

Há mais de uma década, começamos a questionar o conceito de rádio atrelado a uma determinada tecnologia, procurando demonstrar que melhor do que isso seria pensar o rádio como uma instituição social, caracterizada por uma determinada proposta de uso social para um conjunto de tecnologias, cristalizada numa instituição. Consideramos hoje melhor ainda pensar esta *instituição social* como uma *criação cultural*, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica, numa analogia ao que propõe a ciência do jornalismo para definir o jornal. Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas se vincula a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem (Meditsch, 2010, p. 204. Grifos do autor).

O trabalho também necessita situar os termos “radiojornalismo” e para o desenvolvimento da pesquisa proposta. Como proposto por Ferraretto e Saballa Jr. (2020) – que no trabalho em questão também abordaram o programa “Chamada Geral” –, o trabalho propõe que o radiojornalismo pode ser entendido como uma “versão radiofônica dos periódicos impressos, reunindo várias formas jornalísticas (boletins, comentários, editoriais, seções fixas – meteorologia, trânsito, mercado financeiro... – e até mesmo entrevistas)” (FERRARETTO, 2014, p. 73 *apud* FERRARETTO; SABALLA JR., 2020, p. 21).

Em noticiosos radiofônicos, como o analisado por Ferraretto e Saballa Jr. (2020) e este trabalho, assume-se a ideia de que a reportagem predomina, emitida em formato de boletim. Na contemporaneidade, segundo Saballa Jr. (2019), o tipo de inserção “ao vivo” se tornou predominante na Rádio Gaúcha, praticamente afastando

as reportagens gravadas. Em capítulo posterior, será demonstrado como isso ainda se faz presente, com a majoritária parte das entradas emitidas por repórteres sendo feita ao vivo e cada vez mais em ambientes externos ao da redação de GZH.

Contudo, pode-se propor uma categorização das emissões de boletins ao vivo conforme Klöckner (2006 *apud* FERRARETTO; SABALLA JR., 2020), dividindo as reportagens em três tipos: ao vivo, gravadas e uma mescla de ambas. Com a predominância da emissão de reportagens ao vivo, acrescentam os autores a partir de Porchat (1989), o repórter é submetido a provas constantemente, exigindo “rapidez mental e verbal para transmitir o fato enquanto o observa, vasto vocabulário, facilidade de exposição, dotes de improvisação e o mais importante: um acentuado senso de ética profissional” (PORCHAT, 1989, p. 43 *apud* FERRARETTO; SABALLA JR., 2020).

Melo (2012), por sua vez, propõe uma categorização dos gêneros jornalísticos que podem ser identificados hodiernamente. Segundo o autor, cinco deles podem ser apresentados: 1) informativo; 2) opinativo; 3) interpretativo; 4) utilitário; 5) diversional. Para o trabalho aqui proposto, faz-se mister esmiuçar os gêneros informativo e utilitário, presentes no objeto de pesquisa.

Assim, o gênero informativo se caracteriza por “descrever os grandes acontecimentos” (ROSSETTO, 2015, p. 86), sendo o resultado do esforço do jornalista em relatar ao receptor como os acontecimentos reais eclodem na realidade. Melo (2012) distingue as diferentes formas de emissão do gênero em questão: reportagem, entrevista, notícia e nota.

Costa (2015, p. 45 *apud* ROSSETTO, 2015) sintetiza o gênero da seguinte forma:

Pelo ângulo da intencionalidade, nos relatos informativos há o desejo de reproduzir o real, isto é, a partir da observação de um acontecimento do que se aceita como realidade empírica, sua apreensão e descrição são feitas pela instituição jornalística com base no desejo da coletividade de saber o que se passa. Assim, o jornalismo informativo tem sua estrutura dependente de variáveis externas: os acontecimentos e a relação estabelecida entre o jornalista e os protagonistas do acontecimento (COSTA, 2015, p.45).

O gênero utilitário, por sua vez, diz respeito à veiculação de informações relacionadas à prestação de serviços junto à população. Melo (2012) afirma que por “serviço”, entende-se a emissão de informações destinadas a salvaguardar os interesses de usuários do serviço público, bem como de consumidores de bens industriais ou serviços privados.

Ao trabalhar com o gênero utilitário, Rossetto (2015, p. 87) distingue a emissão de informações em algumas categorias de formato. Por “indicador”, por exemplo, informa-se o público para que possa tomar corretas decisões quanto a decisões governamentais, previsões meteorológicas, ações por parte de empresas, instituições ou países, ou mesmo sobre determinado assunto especializado, como a economia. Já o formato “cotação” é voltado mais especificamente para o mercado financeiro, informando oscilações em bolsas de valores, precificação de itens, como o ouro, e, claro, emitindo o câmbio perante alguma moeda estrangeira. Por fim, o formato “roteiro” está mais voltado ao setor cultural, com indicações musicais, cinematográficas, ou mesmo referentes à própria programação de determinada emissora.

Também é preciso sublinhar a figura do repórter neste processo de produção jornalística. De acordo com Maria Elisa Porchat, em *Manual de Jornalismo da Rádio Jovem Pan* (1989, p. 49), a presença da figura do repórter é a base do processo radiojornalístico. Para a autora (1989, p. 26), mesmo que se busque o imediatismo, é preciso entender a checagem de informações como um cuidado básico.

Conforme apontado por Paganella (2018), a busca pelo imediatismo no meio rádio não é uma característica recente e vem de décadas anteriores ao período atual. Citando De Felice, autor de “*Jornalismo de Rádio*” (1981 *apud* PAGANELLA, 2018), o pesquisador comenta que a instantaneidade já era, nos anos 1980, um imperativo do radiojornalismo.

A principal característica de um programa de radiojornalismo é o imediatismo, a instantaneidade, a possibilidade de se levar ao ouvinte um fato simultaneamente ao acontecimento ou com diferença de minutos. Por isso, devem sempre ter precedência sobre os demais assuntos aqueles que tenham acontecido HOJE, que estejam acontecendo HOJE ou que ainda estejam previstos para acontecer HOJE. (DE FELICE, 1981, p. 88, *grifos do autor*).

A participação de repórteres ao vivo tem sido facilitada desde a introdução da telefonia celular, em 1990, e da internet comercial, em 1995 (FERRARETTO; SABALLA, 2020). Se, por um lado, as supracitadas tecnologias deram mobilidade e melhoraram a qualidade de áudio ao repórter e às emissoras (PAGANELLA, 2018), a transição tecnológica não se resumiu apenas a um som mais eficaz e estável, ou à possibilidade de proporcionar ao jornalista, em diálogo com a necessidade do profissional em cumprir com a demanda do imediatismo no radiojornalismo. Novas tecnologias – mas não somente elas – permitiram ao rádio fazer uma incursão em uma nova fase na história do meio no Brasil: a fase da convergência.

2.2 PERIODIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL E A FASE DA CONVERGÊNCIA

Para compreender a atual fase do rádio no Brasil, intitulada fase da convergência, é preciso traçar um breve histórico do meio no país, tal qual proposto por Ferraretto (2012). Para o autor, a história do rádio no Brasil apresenta quatro fases: implantação, difusão, segmentação e, finalmente, convergência, iniciada em meados dos anos 1990.

Conforme o autor, o primeiro momento, a fase da implantação, é marcado pelas experiências iniciais no meio radiofônico em solo brasileiro. Ferraretto (2012, p. 8) aponta que, com o fim da Primeira Guerra Mundial, a indústria estadunidense busca novos mercados para exportar produtos intensivos em tecnologia. No Brasil, como um “hobby”, começam a surgir as rádios sociedades, caracterizadas por um caráter elitizado, financiando a criação de emissoras de rádio pelo país. Idealisticamente, a burguesia da época apontava um caráter educativo e cultural, afastando setores populares desta primeira fase do meio rádio.

Dentro dos valores burgueses, portanto em voga, as irradiações têm pretensão educativo-cultural, incluindo, além de música gravada e ao vivo, até mesmo palestras de cunho científico. Neste quadro, expressões musicais mais populares como samba vão encontrar, de início, resistência para serem

veiculadas. Os clubes e sociedades de rádio são orientados, assim, por um associativismo idealista de elite misturado a certo entusiasmo tecnológico: voltada à ilustração dos ouvintes, impõe-se uma perspectiva cultural e científica (FERRARETTO, 2012, p. 9)

Ademais, os grupos que participavam ativamente da fase de implantação viam o novo equipamento um marco do progresso, empolgando-se até mesmo pela possibilidade de captação de ondas vindas de outros países (FERRARETTO, 2012). Destacam-se nessa fase histórica brasileira a Rádio Clube de Pernambuco, fundada em Recife no ano de 1919, e a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 1923.

À fase de implantação, segue-se a fase de difusão, um segundo momento na periodização proposta pelo autor. Nela, estabelecem-se as bases do rádio brasileiro: um serviço público, que depende de concessão do governo federal – a partir da instituição de decretos que regulamentavam o meio em solo brasileiro –, mas ao qual seria possibilitada a exploração comercial (FERRARETTO, 2012, p. 11). Outras características apontam, a partir dos anos 1940, uma predominância da dramaturgia, com o sucesso das radionovelas e o declínio de números musicais, a profissionalização do quadro de funcionários e o espaço reduzido oferecido ao jornalismo e à cobertura esportiva.

Assim, paulatinamente, as emissoras passam a constituir um negócio comunicacional. A Rádio Record, de São Paulo, e a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, são exemplos citados no trabalho do pesquisador (FERRARETTO, 2012, p. 11-12). No primeiro caso, é organizada uma grade de programação com lógica comercial, explorando números musicais. No segundo caso, a emissora chega a ser encampada pelo governo federal em 1941, mas mantém a natureza privada de seu financiamento por meio da publicidade. Outros casos de sucesso a partir dos anos 1940 incluem a Rádio Tupi, do Rio de Janeiro e de São Paulo, e a própria Rádio Farroupilha, de Porto Alegre – emissoras pertencentes ao empresário Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados.

Em 1950, com a chegada da televisão ao Brasil, as emissoras de rádio enfrentam uma crise que não se mostraria circunstancial – começa a fase da segmentação, vigente até a virada para o Século XXI. Este período perpassa o advento de novas tecnologias que seriam fundamentais para o meio rádio, como o receptor transistorizado – possibilitando a utilização dos portáteis “radinhos de pilha”

–, nos anos 1960, ou a operação da frequência modulada – o FM –, nos anos 1970. Contudo, em um momento inicial, o que se percebe é um ponto de inflexão, marcado pela fuga de público e publicidade para as emissoras de televisão.

De fato, as emissoras enfrentam uma crise que não envolve apenas redução de audiência e faturamento. Perde o espetáculo para todos – as novelas, os humorísticos e os programas de auditório –, que, acrescido de imagem, migra para a televisão. Esta, por sua vez, impõe ao ambiente comunicacional uma nova forma de relacionamento com os bens culturais massivos. Diferentemente dos projetores e das telas de cinema – apesar da força dos filmes já, em grande parte, coloridos –, o televisor está na sala das casas como uma janela que se abre para o mundo (FERRARETTO, 2012, p. 13).

O período é marcado por novas experiências na radiodifusão brasileira, todas elas perpassadas pelo contexto no qual estava inserido o país. Entre os anos 1960 e 1970, a população urbana ultrapassa a rural em solo brasileiro pela primeira vez. A existência do receptor transistorizado permite a portabilidade do meio rádio, bem como a possibilidade de o rádio estar presente em meio aos acontecimentos – fator cuja importância para o radiojornalismo, como citado em seção anterior.

Outrossim, o jovem acaba emergindo como um potencial mercado consumidor e, com o advento da frequência modulada, é facilitado o surgimento de segmentos no meio rádio, destacando-se três: o rádio musical jovem, o rádio popular e o radiojornalismo (FERRARETTO, 2012, p. 14-15). Paganella (2018) sintetiza da seguinte forma o período abordado:

Novos formatos de conteúdos são experimentados, a transmissão de ondas em FM dá possibilidade às empresas de rádio produzirem programações para outras parcelas da população, buscando públicos mais específicos. Associado a isso, uma 'sociedade de consumo' começava a se fortalecer com a maior urbanização, uma economia que aparentava pujância diante do Milagre Econômico Brasileiro, e o início de facilidades para a realização de compras a crédito. A conjunção desses elementos criava novos mercados a serem explorados pelo meio, que soube aproveitar o período para angariar públicos criando conteúdos segmentados (PAGANELLA, 2018, p. 39).

Por fim, conforme também proposto por Ferraretto (2012), a fase da convergência se inicia em meados dos anos 1990, concomitantemente ao ocaso da fase de segmentação, que perdura até os primeiros anos do Século XXI. Por um lado, uma das principais características deste último período é a redefinição das transmissões radiofônicas para além das ondas hertzianas (FERRARETTO, 2012, p. 21). Contudo, não é possível creditar esta nova fase da periodização do rádio no Brasil

apenas à transição tecnológica, mas também a uma cultura de convergência, conforme Jenkins (2009).

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços de fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana (JENKINS, 2009, p. 28).

Outras das características apontadas por Ferraretto (2012) para a fase da convergência na periodização do rádio no Brasil são: a concomitância da atividade que o ouvinte porventura realize em paralelo à audiência de determinada emissora e a função de “companheiro virtual”, que contempla a capacidade do público em receber a mensagem emitida como se fosse o único destinatário.

Segundo Jenkins (2009, p. 37), antes da fase da convergência, cada meio de comunicação possuía funções e mercados distintos, com regulações específicas, o que poderia caracterizá-los de diferentes maneiras; por exemplo, um veículo poderia ser centralizado ou descentralizado, pobre ou cheio de liquidez, voltado à informação ou ao entretenimento, ser estatal ou privado. A cultura da convergência, contudo, alterou substancialmente esse quadro e o segmento radiofônico não passou incólume a todas essas mudanças.

Na produção jornalística, a convergência também aponta características relevantes. Segundo Domingo et al. (2007), a partir do estudo de veículos espanhóis, podem ser elencados quatro pilares a partir do advento da convergência: produção integrada, profissionais multitarefa, entrega multimídia e audiência ativa. No primeiro caso, para os autores, há diferentes níveis de integração: redações integradas ou redações eventualmente colaborativas, por exemplo (2007, pp. 4-5). No segundo pilar, os profissionais multitarefa podem desempenhar distintas conjugações de funções jornalísticas; os autores apontam que os profissionais podem ser multimidiáticos, produzindo em diferentes mídias, multitemáticos, produzindo em diferentes editoriais, ou multitécnicos, desempenhando diversas tarefas no percurso da produção jornalística. O terceiro ponto, a entrega multimídia, diz respeito à apresentação do conteúdo jornalístico em diferentes plataformas – o trabalho versará mais a respeito em capítulo posterior. E, por fim, a audiência ativa dialoga com a crescente

interatividade com o consumidor do produto jornalístico, em diversos meios que não apenas o rádio.

Para finalizar este capítulo, cabe mencionar o trabalho de Ferraretto e Kischinhevsky (2010), que traçam um estudo sobre a prevalência da fase da convergência através da Economia Política da Comunicação. Para os autores, o momento da radiodifusão vive um regime de acumulação flexível, um contraste com relação ao modelo fordista de outrora. Citando o geógrafo britânico David Harvey (1996, p. 140 *apud* FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 174), os autores argumentam que o modelo se caracteriza pela flexibilização dos processos e mercados, bem como dos padrões e produtos de consumo.

No artigo, os pesquisadores propõem quatro âmbitos para abordar a convergência jornalística voltada para o rádio: tecnológico, empresarial, profissional e dos conteúdos. No âmbito tecnológico, os autores apontam que, desde os anos 1980, novos formatos de armazenamento de áudio emergiram, até que finalmente os conteúdos pudessem ser armazenados em discos rígidos de computadores – transição tecnológica que acarreta maior produtividade, do ponto de vista empresarial (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 177).

Os pesquisadores propõem que, no campo empresarial, a reformulação da mídia sonora ocorreu a partir dos anos de 1970, com a aceleração dos processos de incorporação e concentração de meios sob uma mesma organização empresarial, formando instituições privadas que possuem diversas mídias.

No âmbito empresarial, desde os anos 1970, a indústria de radiodifusão sonora reformulou-se, vivenciando acelerado processo de concentração. Verificam-se articulações frequentes no campo da propriedade cruzada dos meios, visando controlar, simultaneamente, jornais, emissoras de rádio e/ou estações de TV. Já sob a vigência da internet, grandes grupos expandem sua esfera de influência e, por vezes, tentam parcerias com conglomerados internacionais nas áreas de TV por assinatura e telecomunicações (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 177).

No âmbito profissional, os autores apontam que jornalistas têm sofrido uma constante precarização nas relações de trabalho. Por um lado, são submetidos a esgotantes regimes de plantão, com remuneração cada vez mais afetada, ao passo que profissionais da área técnica perdem cada vez mais seus empregos, repórteres

são obrigados a editar suas próprias reportagens, apresentadores comandam funções originalmente destinadas a operadores de mesa, entre outros apontamentos. Aqui cabe retomar o trabalho de Domingo et al. (2007), que, ao descreverem o advento do profissional multitarefa, elencam pontos levantados pelos autores.

Por fim, no âmbito do conteúdo, Ferraretto e Kischinhevsky argumentam que a própria convergência não está mais circunscrita às próprias emissoras de rádio. Com a emergência das redes sociais e outras ferramentas de comunicação, faz-se necessária a criação de fluxos de comunicação junto a ouvintes. Ademais, os pesquisadores propõem pensar a mídia radiofônica sob uma lógica de demanda, citando, por exemplo, o advento dos podcasts. onde há mais participação de ouvintes e o consumo de conteúdos, se dá, também, de forma convergente (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 178).

3 JORNALISMO MULTIPLATAFORMA E A FORMAÇÃO DE GZH

Ao abordar-se o jornalismo multiplataforma, a prática de criar conteúdo jornalístico que pode ser distribuído e consumido através de diversas plataformas de mídia é referida. Essas diferentes plataformas podem envolver – e normalmente o fazem – diferentes veículos pertencentes ao mesmo conglomerado midiático, que adotam essa prática para impulsionar diferentes facetas do jornalismo enquanto modelo empresarial, como a presença online, a colaboração entre mídias e a monetização em diferentes meios.

Esse fenômeno inclui não apenas os meios que estão na vanguarda da transição tecnológica; o fenômeno inclui também os veículos ditos “tradicionais”, como jornais impressos, a televisão e, claro, o rádio. Nesse sentido, plataformas digitais, como sites, aplicativos móveis, redes sociais, entre outros, acabam por possibilitar o mas também plataformas digitais, como sites, aplicativos móveis, redes sociais, podcasts e vídeos online. O objetivo geral desse movimento é a adaptação e a distribuição de produtos jornalísticos – reportagens, mas também entrevistas, crônicas e afins – em diversas frentes, de modo a atender às preferências e hábitos de consumo de informação do público em diferentes canais.

Neste capítulo, será feita uma introdução ao conceito de publicação multiplataforma e suas principais características a partir dos trabalhos de Canavilhas (2006), Gruszinski e Sanseverino (2017) e Sousa (2018), para, posteriormente, sintetizar o fenômeno da criação da Redação Integrada de GZH, unindo a produção jornalística e a equipe de profissionais da Rádio Gaúcha àquela do jornal Zero Hora, além de proporcionar a própria unificação das marcas de ambos veículos.

3.1 A PUBLICAÇÃO MULTIPLATAFORMA

A transição para o jornalismo multiplataforma foi impulsionada pelo avanço da tecnologia digital, que mudou drasticamente a forma como as pessoas consomem notícias em diversos meios (SOUSA, 2018). Esse processo como já citado na periodização da história do rádio no Brasil. Porém, ao abordar-se a constituição da Redação Integrada de GZH, faz-se mister falar também dos impactos no jornalismo

impresso, seja nas suas rotinas jornalísticas, seja em sua própria lógica empresarial ou em suas dimensões de mobilidade, centrais para a cultura da convergência (SOUSA, 2018).

Segundo Gruszynski e Sanseverino (2017), entende-se a publicação multiplataforma como a distribuição de conteúdo editorial, por parte das organizações de notícias, em diferentes plataformas, nas quais o jornal assume conformações distintas nos diversos suportes em que circula. Nesse sentido, há uma ampliação dos produtos jornalísticos que ganham novas conformações e passam a circular em fluxo, envolvendo suportes outros que não apenas sua versão impressa: computadores de mesa, notebooks, celulares, kindles, smartphones, tablets, relógios inteligentes, entre outros (SOUSA, 2018, p. 15).

O conteúdo jornalístico da redação do jornal passa, assim, a ser produzido de forma integrada, de modo que as potencialidades de cada um dos suportes e das plataformas sejam consideradas (SOUSA, 2018). Por outro lado, as marcas de reconhecimento do jornal, fundamentais para a constituição de um elo junto ao público leitor, são levadas para esses novos produtos (CHARAUDEAU, 2007), ampliando também os vínculos estabelecidos com os leitores. Com isso, o público pode ter acesso às informações jornalísticas de forma contínua, em qualquer lugar e

Especificamente sobre o jornal enquanto meio impresso em uma cultura de convergência, Gruszynski e Sanseverino (2017, p. 3) falam sobre a dualidade entre a materialidade do meio impresso, aludindo ao design do jornal, com as novas possibilidades de emissão de conteúdo, armazenamento e produção, possibilitadas pela transição tecnológica.

Tem-se inovações intensivas e constantes que incidem sobre a configuração multimodal dos conteúdos. Nesse sentido, a materialidade dos jornais pode ser vista, de um lado, a partir da natureza do suporte e de suas formas de inscrição, o que remete ao design; de outro, segundo condições de realização, de arquivamento e de circulação das informações ali dispostas, relacionadas ao fazer jornalístico, ainda que estes estejam imbricados (GRUSZYNSKI; SANSEVERINO, 2017, p. 3).

Assim, o chamado “fazer jornalístico”, ao qual as autoras fazem referência, também abarca uma considerável parcela da lógica empresarial do veículo. Se, por um lado, por consequência de eventuais crises no aspecto financeiro de empresas jornalísticas, as mesmas necessitam realizar cortes de custos – tanto em relação a profissionais quanto à produção –, por outro lado, deixar de investir em novos formatos e modelos de negócio pode significar perda de receitas até então inéditas para as mesmas (ITO; VENTURA, 2016, p. 146).

Ito e Ventura (2016) também retomam a problematização da produção jornalística em um contexto multiplataforma, introduzindo o contexto de *mobile first*. Para os autores, o imperativo de atingir os leitores que têm acesso a dispositivos móveis ou a tela do computador faz com que emergam novas preocupações na rotina do jornalista.

Assim, surgem preocupações novas no processo de produção, com o objetivo de oferecer a informação adequada ao contexto de consumo do usuário. Além das particularidades técnicas – tamanho de tela e processamento – encontram-se relacionadas especificidades do momento de acesso: a leitura feita via computador é uma leitura que pode comportar textos e vídeos mais longos, exatamente por ser feita em um momento de maior dedicação do usuário diante de um conteúdo mais sofisticado. Já a leitura via smartphone pode estar vinculada a momentos cujo acesso é breve e até mesmo, entrecortado por interrupções, exigindo, assim, mensagens mais curtas e diretas (ITO; VENTURA, 2016, p. 150).

A narrativa jornalística também foi alterada. Presentemente, o jornalista que labuta no radiojornalismo ou em veículos impressos, mormente a figura do repórter, tem maior liberdade para aprofundamento e detalhamento do objeto apurado em sua produção (LONGHI, 2014). Se for possibilitado ao jornalista, o repórter pode também trabalhar em diferentes meios: com uma linguagem mais direta e incisiva, no meio radiofônico, por exemplo, ou em maior profundidade, em reportagens de milhares de “toques”, o que antes só era possível no jornalismo de revista, com profundidade ao tópico abordado (FERRARETTO, 2001).

Claro está que a múltipla possibilidade de atuação do repórter em diversos meios pode vir a alterar também a linguagem jornalística. O português João Canavilhas (2006) afirma que o avanço tecnológico alterou, sim, a linguagem utilizada em meios digitais. Para o pesquisador, o tradicional formato de pirâmide invertida teria sido substituído, nessas mídias, pelo que ele chama de “pirâmide deitada”. Canavilhas

(2006, p. 7) argumenta que a premência do lide, por exemplo, teria caído por terra, uma vez que o espaço no online é praticamente infinito, recordando que jornalistas, muitas vezes, possuíam o sentido de urgência em contar as informações importantes logo no início do texto por temer que o espaço para a matéria não fosse grande o bastante e que trechos finais fossem suprimidos.

Assim, repórteres têm liberdade para escrever mais e contar detalhes de suas apurações, o que antes não era possível devido às limitações de espaço físico disponível, tanto no meio impresso, quanto nas programações de rádio e TV – nestas, a escassez de tempo nas grades de programação permanece, mas a possibilidade de trabalhar em outros meios pode vir a preencher essa lacuna.

Sobre o contexto radiofônico em meio ao jornalismo multilataforma, Rossetto (2015, p. 82) argumenta que o jornalista acaba complementando a emissão no meio rádio com elementos que, originalmente, pertenciam apenas a outros tipos de mídia.

A evolução da narrativa jornalística multimídia passa pela popularização da internet e pela inovação tecnológica, com a entrada de novos equipamentos e programas de computador adequados à produção e a edição de conteúdos. No que tange ao rádio, ela surge como uma nova forma de construção, contextualização e apresentação das notícias, sem deixar de lado a essência sonora do meio. Nesse sentido, o jornalista complementa e amplia as reportagens utilizando elementos para além do radiofônico, como a fotografia, o infográfico, o texto e, principalmente, o vídeo on-line.

Cabe aqui também a contribuição de Salaverría (2014), em obra organizada por Canavilhas, quanto à emissão de mensagens multimídia. Se anteriormente os jornalistas trabalhavam em mídias separadamente, hoje, com o advento da internet e dos meios digitais, eles trabalham em diversas linguagens. Segundo o autor, emitir as mensagens multimídia contempla, assim, a coordenação de diferentes tipos de linguagem ou formatos.

Compor eficazmente uma mensagem multimédia [sic] implica coordenar tipos de linguagem ou formatos que tradicionalmente se manipulavam em separado. De facto [sic], até há bem pouco tempo, a escrita, a linguagem fotográfica, a criação sonora e a narrativa audiovisual seguiram caminhos independentes. Escritores, fotógrafos, músicos e cineastas utilizavam respetivamente a linguagem própria do seu meio e raramente aparecia alguém que, ao estilo de um Leonardo da Vinci do nosso tempo, explorasse todos os tipos de linguagem em simultâneo. E isto não acontecia apenas por razões de dificuldade técnica; acontecia, também, porque não existia nenhuma plataforma que permitisse a integração de vários tipos de linguagem numa única mensagem. Com a chegada da internet surgiu, porém,

uma plataforma que oferecia a possibilidade de combinar simultaneamente múltiplos formatos comunicativos (SALAVERRÍA, 2014, p. 38).

Porém, resta o questionamento: e no sentido inverso? Se os jornalistas acostumados aos meios “tradicionais” possuem maior liberdade e espaço para inclusive escapar ao formato da “pirâmide invertida” nos meios digitais, o que pode ocorrer quando aos profissionais destes últimos veículos é exigida a participação em meios como o rádio?

Quiçá se esperaria uma profunda mudança na emissão de apurações através do meio rádio quando jornalistas oriundos do impresso e do digital tivessem de se adaptar repentinamente a novas funções e à linguagem radiofônica. Contudo, ao menos na amostra do objeto analisado por este trabalho – a ser apresentada esmiuçadamente no próximo capítulo –, há poucas mudanças e muitas permanências no padrão de emissão antes e depois da criação da Redação Integrada de GZH, em setembro de 2017. Por um lado, a variedade de repórteres utilizados em um só programa se elevou e, por outro, a utilização de sonoras caiu substancialmente, mas a predominância do “ao vivo” seguiu, bem como o tempo médio que um repórter leva para transmitir sua informação e a própria estrutura do boletim, que segue em um formato de pirâmide invertida.

3.2 A FORMAÇÃO DE GZH: CONTEXTOS E PERCURSOS

Antes de se apresentar o panorama da formação da Redação Integrada de GZH, é necessário apontar que movimentos haviam sido feitos pelo Grupo RBS, conglomerado empresarial ao qual os veículos Rádio Gaúcha e Zero Hora pertencem, pelos veículos Rádio Gaúcha e Zero Hora no sentido de optarem pela unificação da marca e a formação de uma redação integrada em um contexto de convergência.

No que diz respeito ao jornal Zero Hora, fundado em maio de 1964 por Ary Carvalho, o impresso surgiu a partir da compra por parte de Carvalho da seção gaúcha do Última Hora, de Samuel Wainer, fechado com o golpe militar perpetrado no mês anterior. Repassado a Maurício Sirotsky Sobrinho em 1970, hoje ocupa a liderança no meio impresso no Rio Grande do Sul.

Segundo Gruszynski e Sanseverino (2017), processos convergentes podem ser observados em Zero Hora já em meados dos anos 1990. Em 1995, com a chegada da internet comercial ao Brasil, Zero Hora inovou ao apresentar um caderno digital sobre informática, com divulgação semanal. No ano seguinte, as principais editoriais de Zero Hora também mantinham sua versão online (GRUSZYNSKI; SANSEVERINO, 2017, p.5).

Daquele ano até 2000, o Grupo RBS passou a manter duas operações online: ZH Digital, que apresentava a digitalização completa do jornal impresso na web, e o portal Zaz, inserção do conglomerado no mercado de provedoras de internet. O processo termina com a criação do portal ClicRBS – existente até hoje –, que reuniu, em um só endereço, as informações referentes a todos os veículos pertencentes à Rede Brasil Sul (GRUSZYNSKI; SANSEVERINO, 2017, p.5). A opção por manter uma marca exclusiva para os meios digitais e resguardar a do impresso não foi uma prerrogativa de Zero Hora, muitos veículos optaram, naquele momento, por unir as duas marcas já no ambiente web (SEIBT, 2014, p. 24).

Entrado o Século XXI e o fortalecimento de processos convergentes, Zero Hora passou a cobrar acesso para a versão digital de seu conteúdo impresso em 2012 (SEIBT, 2014). Seibt (2014) também acrescenta que, paulatinamente, o veículo passou a incrementar sua presença em redes sociais, investindo em relatórios diários de mídias sociais, destacando conteúdos que tiveram alguma relevância na Internet e orientando o jornal começou a cobrar acesso pela versão digital do seu conteúdo impresso. Gradualmente a publicação ampliou sua presença em diferentes redes sociais e em 2013, a empresa passou a fazer relatórios diários de mídias sociais, de forma que os destaques das redes sociais na Internet, as notícias mais lidas e os vídeos mais vistos orientavam as reuniões de pauta do jornal impresso (SEIBT, 2014).

Anteriormente, destaca Seibt (2014), ocorria um movimento internacional por parte de associações ligadas à mídia impressa, a partir do qual foi incentivada a transposição das marcas de jornais aos meios digitais.

Entre 2004 e 2006, devido ao agravamento da circulação dos jornais estadunidenses e europeus, houve uma recomendação da Associação Mundial dos jornais de que as mídias impressas deveriam também estar muito fortes na web. Isso fez com que muitas empresas que tinham criado uma marca nova revisassem esse conceito. Foi nesse contexto que Zero Hora resolveu levar o núcleo de notícias do portal ClicRBS para o mesmo ambiente da redação do jornal. Porém, apesar de ocuparem o mesmo espaço

físico, equipes de Zero Hora e ClicRBS trabalhavam de maneira independente uma da outra até segundo movimento integracional, iniciado em 2012 (SEIBT, 2014, p. 24).

Anteriormente, em 2009, O Globo havia sido o primeiro jornal brasileiro a adotar essa medida (SEIBT, 2014, p. 24). Assim, pode-se dizer, a partir de Canavilhas (2006, p. 4), que Zero Hora não se antecipou com a força necessária ao movimento de migração para o digital, ainda em meados dos anos 1990. Como descrito pelo português, “no momento em que ocorre o grande *boom* da Internet, os jornais já tinham as suas notícias digitalizadas”, fenômeno que não foi feito à época por Zero Hora.

Por outro lado, se com a relativamente tardia integração da redação com o digital o veículo investiu com certo atraso, o veículo buscou incrementar significativamente a relação entre jornalistas e audiências, com o propósito de fomentar a produção conjunta de conteúdo em projetos e ações criados para viabilizar a intersecção entre o trabalho profissional e o público, permeando as fronteiras entre produção e recepção (LINDEMANN; GRUSZYNSKI, 2015). A recirculação e/ou a propagação passam a fazer parte do fluxo de notícias, na medida que se tem o compartilhamento de conteúdos pelo público nas redes sociais, onde postagens podem ser comentadas e replicadas.

Se, portanto, Zero Hora já apresentava uma experiência com integração de redações, ao unir-se com ClicRBS e buscar reforçar sua posição em meios digitais, o mesmo não pode ser dito da Rádio Gaúcha durante este período. A emissora foi fundada em 1927 como Rádio Sociedade Gaúcha e adquirida em 1957 – mesmo ano da fundação de uma de suas maiores rivais, a Rádio Guaíba – por Maurício Sirotsky Sobrinho (FERRARETTO, 2007). Na década seguinte, porém, Sirotsky Sobrinho inaugurou, em 1962, a TV Gaúcha, com ambas passando para o controle da Rede Excelsior (PAGANELLA, 2018). Posteriormente, os veículos foram repassados para empresários ligados ao jornal Folha de São Paulo. Entretanto, ainda na década de 1960, Sirotsky readquiriu a Rádio e TV Gaúcha e fundou, em 1969, a Rede Brasil Sul de Comunicação, atualmente conhecida como Grupo RBS.

Sem a experiência com integração de redações, a Rádio Gaúcha buscou a inserção em uma fase de convergência de diferentes maneiras. Ferraretto (2018) aponta que, ainda em 2008, a emissora passou a transmitir em frequência modulada.

Apesar de não ser a pioneira nesse sentido, com a Rádio Bandeirantes tendo ocupado a vanguarda nesse movimento entre os anos de 2000 e 2001, Ferraretto aponta que a medida constitui “um ponto inicial do processo”, se referindo a passos rumo à modernização que o veículo passaria a tomar.

Na primeira madrugada da programação em FM, mas seguindo ao longo do dia, dirigentes do Grupo RBS já deixavam clara a ideia de que a emissora, a partir dali, deveria estar presente em todos os suportes possíveis: do espectro hertziano em suas diversas manifestações – radinhos transistorizados, telefones celulares, MP3... – às novas formas de transmissão e recepção de áudio proporcionadas pela internet (FERRARETTO, 2018).

Antevendo também o enfraquecimento da amplitude modulada, a Rádio Gaúcha passaria a criar também “praças” no interior do estado, todas operando em frequência modulada; iniciando, em 2012, pela fundação da Gaúcha Santa Maria e da Gaúcha Serra, o movimento ainda foi completo pela criação de Gaúcha Zona Sul, sediada em Pelotas, no ano de 2014.

Dois outros substanciais passos foram tomados em outras frentes: programação e interação em redes sociais. No primeiro caso, a grade de programação da Gaúcha operava com uma estrutura muito similar àquela formulada por Flávio Alcaraz Gomes, jornalista e ex-gerente da Rádio Guaíba, que assumiu o cargo de gerente-executivo da emissora tão logo deixou o Presídio Central após cumprir pena por homicídio em 1983 (FERRARETTO, 2007; 2018).

Em 2014, a primeira substancial alteração ocorre nas manhãs da Rádio Gaúcha, com a criação do programa “Timeline” e a ampliação da duração do “Gaúcha Atualidade”. Se no primeiro caso, o matutino já nasce com três apresentadores no comando – dois deles de uma geração consideravelmente mais jovem que a do antigo ocupante do horário, Lauro Quadros, incluindo um dos principais comunicadores da Rádio Atlântida, que opera em frequência modulada –, o “Gaúcha Atualidade” agora passa a contar com até três apresentadores, em lugar do âncora solo que costumeiramente ocupou o microfone principal. No ano seguinte, o “Sala de Redação”, programa de debates esportivos, também ganha meia hora na grade de programação e, em 2017, o tradicional “Gaúcha Repórter” dá lugar ao “Gaúcha Mais”, com formato similar ao do “Timeline”, contando com três apresentadores e temáticas mais leves que o antecessor (FERRARETTO, 2018).

Assim, apesar de não ter constituído até aquele momento uma redação integrada, pode-se caracterizar uma intencionalidade da Rádio Gaúcha em promover uma oferta com maior interatividade e investindo na modalidade “talk and news”, em sintonia com a lógica de demanda emergente na fase de convergência. Soma-se a isso um esforço para reforçar sua presença em redes sociais.

Assim, quando o anúncio da criação da marca “GaúchaZH”, ou simplesmente “GZH”, ocorreu em 21 de setembro de 2017 (GZH, 2017), ambos veículos, embora em frentes diferentes, buscavam se adaptar aos processos convergentes do ambiente midiático contemporâneo. De acordo com Ferraretto e Justino (2019), é imperativo recordar que a união das redações da Rádio Gaúcha e de Zero Hora – acrescidas, ainda, por profissionais do Diário Gaúcho, excluídos da formação da marca – se dá em uma fase de multiplicidade da oferta. Segundo os autores, cabe sublinhar o fato de que as escolhas feitas a partir de uma lógica de mercado buscam responder a um momento histórico no qual se apresenta uma miríade de opções de consumo para o ouvinte, leitor ou espectador.

Devido à consolidação da fase da multiplicidade da oferta e ao conseqüente aumento do número de canais disponíveis aos mercados comunicacionais contemporâneos, torna-se cada vez mais necessário às empresas encontrar alternativas para se fortalecer frente à concorrência. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando há a especialização dos quadros de uma redação ou quando é criada, por parte de um grupo de comunicação, maior oferta de conteúdo jornalístico em busca da maximização dos lucros (FERRARETTO; JUSTINO, 2019, p. 10).

Nesse sentido, acrescentam os autores, a opção do Grupo RBS obedece a uma lógica empresarial, calçada no primaz objetivo de uma empresa capitalista: ser lucrativa. Se separadas em meios digitais os veículos se faziam concorrentes, em sites, redes sociais e aplicativos móveis, a união pode fazer com que atuem em parceria.

Ademais, Ferraretto e Justino (2019) trazem um curioso aspecto, a partir de declaração do jornalista Fernando Zanuzo, então profissional da Gaúcha. Sem levantar a hipótese de que o profissional multimidiático – como preconizado por Domingo et. al. (2007) – possa abrir espaço para demissões, o advento de contar com mais colegas possibilita até maiores flexibilidades na escala do meio rádio.

A integração também contribuiu para a escala da rádio, principalmente aos fins de semana: com mais profissionais assumindo tarefas – em conjunto com suas funções nos demais veículos –, os repórteres e apresentadores da Gaúcha viram reduzido o número de horas trabalhadas ao longo do mês (ZANUZO, 19 jan. 2019). Até a criação de GaúchaZH, o número de jornalistas no jornal e nas plataformas digitais de Zero Hora era maior do que na rádio, o que permitia menos flexibilização da jornada para os profissionais da emissora (FERRARETTO; JUSTINO, 2019, p. 9).

Na produção jornalística, a possibilidade de que os repórteres da Gaúcha – já sem a utilização de “Rádio” em sua denominação, como opção da emissora (FERRARETTO, 2018) – produzam textos para os meios digitais e impressos, ao passo que os jornalistas dos meios digital e impresso possam falar ao microfone, proporciona, em teoria, que a capacidade produtiva do Grupo RBS se potencialize, com possibilidade de maximização dos lucros.

4 ANÁLISE DA EMISSÃO DE REPÓRTERES NO PROGRAMA CHAMADA GERAL ANTES E DEPOIS DA FORMAÇÃO DA REDAÇÃO INTEGRADA DE GZH

Neste capítulo, serão analisadas cinco edições do programa “Chamada Geral”, noticioso que faz parte da grade de programação da Rádio Gaúcha. O “Chamada Geral” estreou em meados de 1970 na emissora, ficando fora do ar entre 1981 e 1984. Em sua fase inicial, ocupava a faixa das 18 às 18h30 (FERRARETTO; SABALLA JR., 2018). Ainda segundo os autores, quando retornou dentro do projeto de reposicionamento da Gaúcha como emissora “talk and news”, já em meados dos anos 1980, passou a ser transmitido das 17h05 às 17h55. Em dezembro de 1990, ganhou uma edição matutina, das 11 às 11h55 – que passou a ganhar o apêndice “Primeira Edição” – e, em maio de 2012, começou a contar com uma edição noturna, das 23h à 0h, descontinuada em março de 2015 – hoje, o “Estúdio Gaúcha” ocupa essa faixa da programação. Atualmente, a ancoragem da versão matutina do programa está a cargo de Antônio Carlos Macedo, que aparece em algumas das análises feitas neste capítulo, ao passo que a versão vespertina tem o comando de Ramon Nunes.

A escolha das edições não foi de todo fortuita: em diálogo com a equipe de sonoplastia da Rádio Gaúcha, o autor buscou edições que tivessem algum factual considerável dentre o material armazenado pela emissora, que não é vasto. Exceto pela programação realizada no ano imediatamente anterior, que fica armazenada em formato nuvem na rede, o acesso a material é escasso: desafortunadamente, a emissora carece de um arquivo e profissionais da área técnica resguardam arquivos com base em alguma temática específica ou de alguma relevância histórica, normalmente a pedido de jornalistas que participaram dos mesmos.

Dentre o material disponível, foram selecionadas duas edições anteriores à implantação da Redação Integrada de GZH: a primeira, de 2015, corresponde ao Chamada Geral Primeira Edição de 22 de setembro de 2015. Naquele dia, seriam votados dois projetos de lei que visavam ao aumento das alíquotas de ICMS no Rio Grande do Sul. Do lado de fora da Assembleia Legislativa, em meio ao programa, servidores públicos entram em confronto com a Brigada Militar. A segunda edição

selecionada, de 20 de julho de 2017, corresponde ao Chamada Geral Segunda Edição e trata do velório e início de cortejo do cronista Paulo Sant’Ana, morto no dia anterior.

Para o período posterior à formação da Redação Integrada de GZH, foram escolhidas três edições, todas da versão matutina do programa. A primeira delas é de 06 de novembro de 2019 e ocorreu em meio à denúncia por parte do Ministério Público de crimes cometidos por ex-dirigentes do Internacional. A segunda edição, de 1º de julho de 2020, acompanha o rescaldo da passagem de um “ciclone-bomba” pelo Rio Grande do Sul, com sensíveis efeitos sobre a população gaúcha. A última edição analisada é de 9 de janeiro de 2023, dia imediatamente posterior aos atos golpistas ocorridos em Brasília no primeiro mês do terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva.

Procura-se fazer, aqui, uma análise de tipo quantitativa, no sentido de identificar se o número de repórteres e boletins foi incrementado após a integração das redações de Rádio Gaúcha e Zero Hora e a possibilidade de que os profissionais oriundos do meio impresso pudessem participar do meio radio. Qualitativamente, também se coteja uma análise no sentido do tempo médio das emissões, bem como do número de sonoras utilizadas. Não é um objetivo fazer uma avaliação da qualidade das informações emitidas, embora se faça comentários a respeito de elementos que sobressaíam ao longo do programa, como, por exemplo, o incentivo à interatividade e o diálogo estabelecido entre âncora e repórter. Todas as roteirizações foram feitas a partir de elaboração própria com base nos arquivos de áudio dos programas.

4.1 CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 22 DE SETEMBRO DE 2015

A manhã de 22 de setembro de 2015 foi marcada por um confronto entre a Brigada Militar e servidores contrários a dois projetos de lei enviados pelo então governador do Rio Grande do Sul, José Ivo Sartori, em um contexto de ajuste fiscal proposto pelo Piratini para sanar as finanças públicas do estado em seu primeiro ano de mandato como líder do Executivo.

Para o dia, estavam marcadas as votações de dois projetos na Assembleia Legislativa – que acabaram sendo aprovados na noite daquela terça-feira com o mesmo placar de 27 deputados estaduais favoráveis e 26 contrários – que visavam

ao aumento de alíquotas de impostos no Rio Grande do Sul (GZH, 2015). Ambos os projetos de lei buscavam elevar o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) até 2018 em diversas categorias, como combustíveis, alimentos, energia elétrica, entre outros. Ambos, também, eram combatidos pela maioria dos servidores públicos do estado, especialmente por suas entidades de classe, conforme relatado na própria edição do “Chamada Geral” aqui analisada.

O presidente da Assembleia Legislativa, o deputado estadual Edson Brum, pertencia ao mesmo partido de Sartori, buscava barrar a participação das entidades nas galerias do plenário do Legislativo gaúcho. Paulatinamente, foi-se chegando a um acordo para que houvesse alguma participação presencial de servidores, embora ele garantisse a participação de poucos trabalhadores mediante senha oferecida por gabinetes de deputados.

O que se seguiu foi um confronto entre os servidores e a Brigada Militar em frente à Assembleia Legislativa enquanto eram negociadas tanto a própria existência da votação quanto a participação dos trabalhadores nas galerias. Conforme relatado pelo repórter Cid Martins, que estava posicionado em frente à Assembleia, no Centro Histórico de Porto Alegre, servidores foram feridos e os próprios policiais civis que estavam no local em protesto aos projetos de lei tiveram de intervir na ação da Brigada Militar. O comandante da Brigada Militar no local, Coronel Freitas, justificou que ação se deveu à suposta ação de manifestantes em tentativa de forçar a entrada no Legislativo – acusação negada pelos os servidores, que afirmaram que a Cavalaria intempestivamente (RÁDIO GAÚCHA, 2015).

Nesse sentido, o programa foi dominado pelo tema da votação dos projetos de lei, com todos os boletins emitidos relatando questões relacionadas ao que estava acontecendo no Centro Histórico porto-alegrense. Com todas as entradas ao vivo e com destaque à utilização de sonoras – foram nove, ao total –, a edição foi notavelmente singular radiofonicamente no sentido de emitir, com precisão, os fatos concomitantemente às suas ocorrências (FERRARETTO, 2001, p. 33).

Graças à presença de dois repórteres in loco: Cid Martins, do lado de fora da Assembleia Legislativa, e Matheus Schuch, dentro da casa, a edição também contou com o acaso de o confronto entre policiais e servidores ter ocorrido justamente em meio ao programa. Tamanha foi a altercação entre a Brigada Militar e os trabalhadores, que em dado momento da edição o âncora, Antônio Carlos Macedo,

ficou cerca de 10 minutos sem pronunciar uma só palavra no ar enquanto Martins e Schuch trocavam relatos e informações diretamente do local do conflito.

Este fato pode ser associado ao trabalho de Ferraretto (2001), em que se versa sobre a natureza da linguagem radiofônica. Para o autor, além da voz humana, da música e do silêncio, os próprios efeitos sonoros – nesse caso, o som da confusão em frente à Assembleia Legislativa – reforça a existência da linguagem radiofônica.

Cada um destes elementos contribui, com características próprias, para o todo da mensagem. Os três últimos trabalham em grande parte o inconsciente do ouvinte, enquanto o discurso oral visa ao consciente. A trilha sonora pode acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador, ressaltados, por vezes, pelo silêncio. Neste quadro, o efeito compensa a ausência da imagem, reproduzindo sons próprios de elementos que servem como pano de fundo, de um trovão em meio a uma tempestade aos trinados de pássaros para representar o início de uma manhã de primavera (FERRARETTO, 2001, p. 26).

Outro fato que chama a atenção é o relato de Martins durante o conflito de que “estava registrando em imagens” o conflito em frente à Praça da Matriz, apontando um caminho que, a partir de 2017 – e antes mesmo da formação da Redação Integrada, como veremos na próxima edição –, seria ainda mais evidente na Rádio Gaúcha.

Foram, ao todo, 15 entradas feitas por repórteres, todos eles pertencentes à própria redação da Rádio Gaúcha. As participações foram 100% ao vivo, com a utilização de nove sonoras. Apenas cinco repórteres participaram da edição – além dos supracitados, Felipe Daroit, com o trânsito, Babiana Mugnol, com bloqueios de rodovias do interior do estado, e Jocimar Farina, com serviços afetados pelos protestos e paralisações de servidores. O tempo médio de cada entrada foi de 2 minutos e 10 segundos, ao passo que as sonoras tiveram, em média, 48 segundos.

Figura 1 – Roteiro do Chamada Geral – 1ª Edição de 22/09/2015

*CHAMADA GERAL - PRIMEIRA EDIÇÃO***TERÇA-FEIRA, 22 DE SETEMBRO DE 2015**APRESENTAÇÃO: Antônio Carlos Macedo
=====

LOC - Dia agitado no estado para votação do aumento do ICMS./ Dentro da Assembleia, o governo busca os votos necessários para a aprovação do projeto que aumenta os impostos./ Matheus Schuch está lá.//

VIVO - 2'47"

LOC - Do lado de fora, tem protesto de servidores./ Cid Martins.//

VIVO - 3'01"

LOC - E agora a situação do trânsito no Centro após os congestionamentos que foram registrados desde o início da manhã./ Felipe Daroit.//

VIVO - 1'04"

LOC - Tem bloqueio em rodovias do interior em consequência da votação aqui em Porto Alegre./ Babiana Mugnol.//

VIVO - 47"

LOC - Voltamos à Assembleia Legislativa./ Matheus Schuch.//

VIVO - 1'20"

LOC - E agora o Cid Martins, que está do lado de fora da Assembleia.//

VIVO - 1'50"

LOC - Escolas estaduais, delegacias e Tudo Fácil./ O que funciona no estado hoje, Jocimar Farina?//

VIVO - 1'30"

----- INTERVALO 1 -----

LOC - Voltamos à Assembleia Legislativa./ Matheus Schuch.//

VIVO - 1'35" + SONORA - 1'05"

LOC - Só um minutinho, Schuch, que tem confusão do lado de fora./ Cid Martins.//

VIVO - 2'23"

[Matheus Schuch interrompe a narração do conflito para relatar a visualização desde a Assembleia Legislativa]

VIVO - 15"

Figura 1 – Roteiro do Chamada Geral – 1ª Edição de 22/09/2015

[Cid Martins retoma para ouvir um servidor público ferido pela Brigada Militar, uma professora indignada com a ação policial, o comandante da Brigada Militar – em dois momentos – e outro servidor público ferido]
VIVO - 5'29" + SONORA - 10" + SONORA - 35" + SONORA - 45" + SONORA - 1'45" + SONORA - 18"

[Matheus Schuch retoma para relatar a visualização desde a Assembleia Legislativa e ouvir a presidenta do CPERS]
VIVO - 4'50" + SONORA - 1'10"

LOC - Cid Martins, a situação do lado de fora da Assembleia.//
VIVO - 2'50" + SONORA - 44" + SONORA - 26"

LOC - Matheus Schuch, situação na Assembleia? //
VIVO - 2'19"

----- INTERVALO 2 -----

LOC - Cid Martins, situação mais calma? //
VIVO - 1'19"

----- ENCERRAMENTO -----

4.2 CHAMADA GERAL – 2ª EDIÇÃO DE 20 DE JULHO DE 2017

O cronista Paulo Sant'Ana faleceu na noite de 19 de julho de 2017, em Porto Alegre. Participante dos veículos do Grupo RBS desde 1971, quando passou a fazer incursões pelo programa Sala de Redação, então apresentado por Cândido Norberto, Sant'Ana iniciou sua carreira jornalística como um cronista identificado com o Grêmio para paulatinamente atuar em outras frentes, sobretudo através de textos publicados no jornal Zero Hora e comentários em outros produtos do grupo midiático, como o Jornal do Almoço, da RBS TV (MENDES, 2017).

No dia seguinte, 20 de julho de 2017, o velório de Sant'Ana foi realizado na Arena do Grêmio em uma organização que marcava o traslado do corpo ao Cemitério João XXIII, no bairro Azenha, para o fim da tarde – justamente a faixa de horário em que era apresentado o “Chamada Geral”, dessa vez em sua segunda edição, de caráter vespertino. Ancorado pelo jornalista Daniel Scola, o programa contou, tal qual

a edição analisada na seção anterior, com uma “dobradinha” de repórteres que estavam *in loco* junto aos fatos; dessa vez, a dupla era formada por Mateus Ferraz, que estava dentro da Arena junto ao caixão de Sant’Ana e relatava os passos da cerimônia fúnebre, e Marina Pagno, que estava em uma viatura da Rádio Gaúcha do lado de fora do estádio gremista.

Assim, o noticioso dos fins de tarde da Rádio Gaúcha foi protagonizado pelos ritos em homenagem ao falecido cronista, com a cobertura de manifestações de pessoas que visitavam o velório, serviços de trânsito que prenunciavam o trajeto a ser percorrido pelo caixão de Sant’Ana desde o bairro Humaitá até o cemitério onde seria sepultado, homenagens feitas na própria programação da Rádio Gaúcha e, por fim, a própria saída do cortejo que levou o recém falecido cronista da Zona Norte de Porto Alegre até sua área central.

Nada comparável, porém, ao que foi analisado na seção anterior, em que a edição do programa foi totalmente dedicada à votação do ICMS e suas consequências nas ruas de Porto Alegre, no fornecimento de serviços à população e nas rodovias do estado. Das 23 entradas realizadas no programa, nove foram dedicadas à morte de Paulo Sant’Ana, cerca de 40%. Contudo, elas ocuparam um espaço temporal consideravelmente grande, se comparado à proporção das entradas: 63%, a maior parte do programa.

Outro destaque se dá para o fato, constantemente citado por Scola em sua ancoragem, de que o programa estava sendo transmitido via Facebook Live nas redes sociais da Rádio Gaúcha. As imagens eram feitas por Pagno e Ferraz e não eram registradas pelos outros repórteres que participaram do programa ou pelo próprio âncora, como é comum hodiernamente em programas transmitidos ao vivo em vídeo. Porém, a estratégia sinalizava uma direção que seria fortalecida dois meses depois, com o advento da Redação Integrada de GZH, através do jornalismo multiplataforma. O relato de Pagno e Ferraz era constantemente intercalado por frases que convocavam o ouvinte a ver as imagens registradas não somente através do discurso radiofônico, mas do chamamento a uma nova audiência, que também consumia imagens, lembrando a linguagem televisiva.

Foram, ao todo, 23 entradas feitas por repórteres, todos eles pertencentes à própria redação da Rádio Gaúcha. As participações foram todas realizadas ao vivo, com a exceção da previsão do tempo, feita por Cléo Kuhn em formato gravado, como normalmente ocorre na versão vespertina do programa. Contudo, ao contrário do programa de 2015, analisado anteriormente, em que todas as entradas foram boletins jornalísticos completos, cabe sublinhar que algumas das entradas realizadas nesta edição tiveram formato de nota, com informações curtas e de caráter nacional, possivelmente provenientes de agências ou outros veículos.

Se, por um lado, o número de entradas aumentou substancialmente em comparação à edição de 2015 aqui analisada, o número de sonoras caiu vertiginosamente, mesmo com a presença de repórteres no local do factual mais abordado na edição: foram apenas três sonoras, com média de 56 segundos, sendo que uma delas foi do trecho do rito católico proferido por um sacristão ao lado do caixão de Sant'Ana.

Em comparação à edição analisada na seção anterior, o número de repórteres utilizados cresceu: foram 10, o dobro. Cabe ressaltar, porém, que ao contrário do programa de 2015, em que o factual “derrubou” algumas atrações clássicas do Chamada Geral, como a previsão do tempo ou as informações do Esporte, neste caso todas ocorreram normalmente; o espaço dedicado ao Esporte, porém, foi consideravelmente diminuto, correspondendo a apenas 5% do tempo ocupado pelas entradas. O tempo médio de cada entrada foi de 1 minuto e 26 segundos, consideravelmente menor – graças à presença de algumas notas jornalísticas.

Figura 2 – Roteiro do Chamada Geral 2ª Edição de 20/07/2017

<p><i>CHAMADA GERAL - SEGUNDA EDIÇÃO</i></p> <p>QUINTA-FEIRA, 20 DE JULHO DE 2017 APRESENTAÇÃO: Daniel Scola =====</p> <p>LOC - As últimas homenagens a Paulo Sant'Ana./ Cerca de 5 mil pessoas já se despediram do jornalista na Arena do Grêmio./ E é para lá que nós vamos a partir de agora com <u>Mateus Ferraz</u> e também com transmissão ao vivo pelo Facebook Live.// VIVO - 2'54" [SONORA - 53"]</p> <p>LOC - Daqui a pouco começa o deslocamento para o Cemitério João XXIII a partir da Arena, onde [no Cemitério] o corpo de Paulo Sant'Ana será sepultado./ Quem está acompanhando é a <u>Marina Pagno</u>.// VIVO - 2'45"</p> <p>LOC - Ao longo de toda a programação da Rádio Gaúcha, homenagens a Paulo Sant'Ana, especialmente no Sala de Redação./ Os integrantes do Sala fizeram uma homenagem ao Sant'Ana./ Cristiano Duarte.// VIVO - 57"</p> <p>LOC - Governo espera arrecadar mais de 11 bilhões de reais com aumento de impostos dos combustíveis./ Silvana Pires.// VIVO - 46"</p> <p>LOC - Morre aos 72 anos Marco Aurélio Garcia, ex-assessor especial dos presidentes Lula e Dilma./ Andressa Xavier.// VIVO - 21"</p> <p>LOC - Mais informações agora sobre a área da Segurança./ O presidente Michel Temer autorizou o envio de mil policiais para a Segurança do Rio de Janeiro./ Fernando Zanuzo.// VIVO - 18"</p> <p>LOC - O novo ministro da Cultura "chegou chegando", <u>Silvana Pires</u>?./ Chamou cineastas independentes de "black blocs"?./ VIVO - 1'11"</p> <p>LOC - Sobe para 30 o número de mortes por gripe no Rio Grande do Sul./ Francine Silva.// VIVO - 24"</p>

Figura 3 – Roteiro do Chamada Geral 2ª Edição de 20/07/2017

LOC - Agora, vamos com as informações do trânsito./ Lucas Abati.//
VIVO - 1'24"

LOC - Agora, a previsão do tempo./ Cléo Kuhn.//
GRAVADO - 1'14"

----- INTERVALO 1 - 4'10" -----

LOC - É um dia marcado pelas últimas homenagens a Paulo Sant'Ana./ Vamos voltar à Arena do Grêmio, com Mateus Ferraz.//
VIVO - 2'50" [SONORA - 1'16"]

LOC - Do lado de fora, está a Marina Pagno acompanhando a movimentação de torcedores do lado de fora da Arena./ Você transmite também pelo Facebook Live ao vivo as imagens do velório, antes do enterro de Paulo Sant'Ana.//
VIVO - 1'11"

LOC - Como está o trânsito em Porto Alegre nesta tarde, Lucas Abati?//
VIVO - 58"

----- NOTÍCIA NA HORA CERTA + INTERVALO 2 - 6'30" -----

LOC - Na Central de Jornalismo, Andressa Xavier tem mais informações sobre o ex-presidente Lula.//
VIVO - 1'22"

LOC - De Brasília, Silvana Pires./ O ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira, teve uma crise de diverticulite e teve de deixar uma reunião no Itamaraty./ É o segundo ministro dessa pasta a ter problemas de saúde, não é, Silvana. ?//
VIVO - 52"

LOC - Vamos voltar à Arena do Grêmio e às últimas homenagens a Paulo Sant'Ana./ Mateus Ferraz.//
VIVO - 1'41"

LOC - Não sei se já comentaram por aí, mas imagino que o próximo jogo do Grêmio será um jogo para homenagear Paulo Sant'Ana./ Não sei se a direção do Grêmio já falou algo por aí, Mateus?//
VIVO - 2'07" + SONORA - 40"

Figura 4 – Roteiro do Chamada Geral 2ª Edição de 20/07/2017

LOC - Do lado de fora, Marina Pagno.//
VIVO - 2'17"

LOC - Repete para os nossos ouvintes, Marina./ Qual será o trajeto?//
VIVO - 4'17"

MANCHETES DO ESPORTE

LOC - Grêmio./ André Silva.//
VIVO - 37"

LOC - Internacional./ Rodrigo Oliveira.//
VIVO - 1'10"

----- INTERVALO 3 - 3' -----

LOC - Voltamos de imediato a Brasília./ Silvana Pires, foi confirmado o aumento de impostos sobre combustíveis?//
VIVO - 1'21"

LOC - Informações do trânsito./ Lucas Abati.//
TEC – VIVO - 13"

----- ENCERRAMENTO -----

4.3 CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 6 DE NOVEMBRO DE 2019

Na manhã de 06 de novembro de 2019, surgiu a informação de que o Ministério Público denunciou o ex-presidente do Sport Club Internacional, Vítório Píffero, e outras 13 pessoas por desvio de dinheiro durante a gestão do biênio 2015-2016 na agremiação esportiva (HAMMES, 2019). Segundo o trabalho investigativo desenvolvido por promotores, que já haviam cumprido mandados de busca e apreensão contra os envolvidos ainda em 2018, os denunciados teriam cometido crimes como organização criminosa, estelionato e lavagem de dinheiro.

Mesmo se tratando de um programa de tipo “News”, conforme classificação de Ferraretto (2001), o “Chamada Geral” se caracteriza por ser um programa que despende uma considerável parcela de seu tempo na programação falando de atualidades esportivas. Com um factual de tamanha relevância, envolvendo um dos dois maiores clubes de um estado em que a rivalidade toma contornos de visceralidade em muitos casos, peculiar seria se o assunto não fosse o protagonista do roteiro do programa.

E não foi o que aconteceu. Já na abertura do programa, antes mesmo do primeiro boletim, enunciado por Jocimar Farina, Macedo comenta que o tema será aprofundado na sequência, haja vista que o Ministério Público havia terminado há pouco uma coletiva de imprensa sobre a chamada Operação Rebote. Nos programas anteriores na grade da programação da Gaúcha, como Timeline e Gaúcha Atualidade, o assunto foi abordado. Porém, não é isso o que acontece, e o tema acaba sendo citado apenas através de um boletim do repórter Cid Martins e sem qualquer sonora do Ministério Público.

Dessa forma, a edição analisada nesta seção acabou sendo permeada por factuais que não são tão impactantes quanto em outras edições do “Chamada Geral” analisadas neste trabalho. Contudo, nota-se um fenômeno já decorrente de ações do Grupo RBS descritas no capítulo anterior: por um lado, há a participação de um repórter da Gaúcha Serra – o jornalista André Fiedler –, praça da Gaúcha fundada em 2012, mas que não havia apresentado jornalistas nas edições analisadas anteriormente. Ademais, dois profissionais oriundos do impresso participam desta edição: Rafael Divério, que fornece informações sobre o Internacional direto de

Fortaleza, e Marta Sfredo, que informa o fracasso de um leilão do pré-sal estimulado pelo governo federal. Giane Guerra, que naquele momento se dedicava apenas à editoria de Economia de Zero Hora e à sua coluna, também participa, mas se trata de um hiato de distanciamento da Gaúcha relativamente pequeno em sua trajetória profissional.

Foram 18 entradas realizadas nesta edição do Chamada Geral, com 14 profissionais, sendo dois originários do impresso, fazendo participações. Apenas um boletim foi gravado, o de Giane Guerra, e as entradas tiveram uma média de 1 minuto e 35 segundos. Nenhuma sonora foi utilizada.

Chama a atenção o fato de que o número de repórteres que fizeram entradas no programa subiu novamente em comparação à edição imediatamente anterior, dialogando com o que Daniel Scola (ZERO HORA..., 2018 apud FERRARETTO; JUSTINO, 2019, p. 9), então gerente-executivo da Gaúcha, chamou de “união de forças”, no sentido de ampliação do número de opções de repórteres para entradas no ar.

Outro aspecto levantado por Scola na manifestação supracitada é o da “informalidade” na apresentação de um programa, fugindo do “estúdio hermeticamente fechado” e voltando-se à Redação. Nota-se, na edição analisada nesta seção, que o âncora, Antônio Carlos Macedo, interage mais com os repórteres do que fez na edição anterior apresentada por ele – analisada na primeira seção do capítulo – e até mesmo do que Scola, na seção imediatamente anterior a esta.

Ademais, a ausência total de sonoradas, um contraste em relação às edições anteriores, provoca uma reflexão sobre a possível mudança na própria linguagem radiofônica no “Chamada Geral”. Contudo, mantém-se a predominância do ao vivo, conforme preconizado por Saballa Jr. (2019), e a prevalência da tecnologia possibilitando a entrada de repórteres com boa qualidade de áudio e em diversos pontos externos à redação.

Figura 5 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 06/11/2019

CHAMADA GERAL - PRIMEIRA EDIÇÃO

QUARTA-FEIRA, 06 DE NOVEMBRO DE 2019

APRESENTAÇÃO: Antônio Carlos Macedo

=====

LOC - Daqui a pouco, mais detalhes sobre a denúncia envolvendo ex-dirigentes do Internacional./ Antes, as outras notícias da quarta-feira./ Exército vai entregar seu primeiro trecho da duplicação da BR-116./ Jocimar Farina.//

VIVO - 2'13"

LOC - Nível do Rio Taquari baixa 1 metro, mas alagamentos dificultam volta para a casa de famílias na região de Lajeado./ Tiago Boff.//

VIVO - 1'10"

LOC - O tempo agora, em Porto Alegre, tem céu claro e temperatura amena, com 23 graus./ Vai continuar assim até quando, Cléo Kuhn?//

VIVO - 1'55"

LOC - Crise leva mais 4,5 milhões de pessoas à extrema pobreza e faz nível de desigualdade atingir nível recorde no Brasil./ Kathlyn Moreira.//

VIVO - 1'04"

LOC - Ministério Público denuncia ex-presidente Vitório Piffero por desvio no Internacional, desvios que passam dos 13 milhões de reais, e mais de 200 estelionatos./ Cid Martins.//

VIVO - 2'42"

LOC - E agora o Internacional e o Grêmio dentro de campo, que amanhã tem rodada do Brasileiro./ O Internacional está no Ceará./ Rafael Divério.//

VIVO - 31"

LOC - E agora o Grêmio, com José Alberto Andrade.//

VIVO - 1'08"

LOC - Agora na redação, outros assuntos em destaque./ Leandro Rodrigues.//

VIVO - 1'06"

----- INTERVALO 1 -----

LOC - Os destaques do trânsito, que começou o dia fatal, com acidente com morte na RS-240./ Bibiana Dihl.//

VIVO - 1'55"



Figura 6 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 06/11/2019

[Macedo faz uma pergunta sobre as circunstâncias do acidente, Dihl responde]
VIVO - 1'15"

LOC - Começa o trabalho de remoção das pedras que caíram na RS-122, na Serra./
 As equipes esperam liberar uma das pistas até o fim do dia./ Da Gaúcha Serra,
 André Fiedler.//
VIVO - 2'07"

LOC - Mega leilão do Pré-Sal está acontecendo neste momento e o Campo de
 Búzios está sendo arrematado por 68,1 bilhões de reais./ Com a arrecadação deste
 leilão, o governo espera colocar no caixa mais de 106 bilhões de reais e controlar o
 déficit do orçamento./ Kathlyn Moreira.//
VIVO - 31"

----- INTERVALO 2 -----

LOC - Gerdau vai suspender contratos de funcionários em fábrica gaúcha por cinco
 meses./ Giane Guerra.//
GRAVADO - 1'32"

LOC - Projeto que cria vagas para novos agentes de saúde em Porto Alegre deve
 ser votado ainda neste mês na Câmara de Vereadores./ Francine Silva.//
VIVO - 1'00"

----- INTERVALO 3 -----

LOC - Lei que disciplina fogos de artifício já foi sancionada pelo governador, a
 questão é que há um prazo para regulamentação e só depois disso ela pode entrar
 em vigor./ Gabriel Jacobsen.//
VIVO - 3'55"

----- INTERVALO 4 -----

LOC - Agora contamos com uma das nossas especialistas de Economia de GZH,
Marta Sfredo, que vai comentar o Mega Leilão do Pré-Sal./ O governo esperava
 arrecadar 106 bilhões de reais, mas deu pouco mais da metade./ O que
 aconteceu?//
VIVO - 2'58"

Figura 7 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 06/11/2019

[Macedo faz uma pergunta sobre as ações da Petrobras após o leilão, Sfredo responde]
VIVO - 1'12"

----- INTERVALO 5 -----

LOC - Gabriel Jacobsen, aquela dúvida sobre os fogos de artifício./ Consumidores vão poder continuar comprando, o que muda são os revendedores, isso?./.
VIVO - 32"

-----ENCERRAMENTO-----

4.4 CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 1º DE JULHO DE 2020

No dia 30 de junho de 2020, em meio à “primeira onda” da pandemia de Covid-19 no Brasil, o Rio Grande do Sul foi atingido por fortes temporais. A instabilidade esteve associada à formação de um “ciclone-bomba”, como os meteorologistas chamam um tipo de ciclone extratropical, formado em latitudes médias e distante dos trópicos, mas com intensidade de particular força, tanto em termos de acumulados pluviométricos, quanto às fortes rajadas de vento que se fazem presentes (GZH, 2020).

O “ciclone-bomba” se deu pela queda abrupta da pressão atmosférica sobre o território gaúcho, criando que os meteorologistas chamam de uma área de baixa pressão, que antecede períodos de instabilidade. O fenômeno em questão se armou entre o fim do dia 29, uma segunda-feira, e a terça-feira, dia anterior à edição do “Chamada Geral” aqui analisada. No dia 1º de julho, durante o programa, o momento era de rescaldo – centenas de milhares de clientes estavam sem luz no Rio Grande do Sul, os rios dos Sinos e Caí ameaçavam atingir a cota de inundação e diversas edificações foram comprometidas, afetando o setor de serviços no estado. Por outro lado, institutos de meteorologia já apontavam que o ciclone se afastava rumo ao

Oceano Atlântico, reduzindo as temperaturas e prometendo um período de estabilidade.

Por isso, a edição analisada foi majoritariamente dedicada ao factual, de suma importância à população gaúcha. Em plena pandemia, com regime híbrido vigorando no Grupo RBS – incluindo o âncora, Leandro Staudt, que comenta estar apresentando o programa de seu apartamento, em Porto Alegre –, repórteres se deslocaram a locais críticos após a passagem do ciclone-bomba, valorizando a faceta da presença de repórteres no local onde os fatos acontecem para o meio rádio. Uma faceta interessante a ser ressaltada, aliás, é o chamado do âncora à participação de ouvintes através do canal de comunicação da Gaúcha, via WhatsApp, inclusive solicitando imagens da passagem do ciclone-bomba ao público da emissora – uma característica inédita nas edições aqui analisadas.

No primeiro bloco, por exemplo, o repórter Vitor Rosa, em deslocamento, falou sobre os cinco rios que estavam em alerta no Rio Grande do Sul, a repórter Aline Ecker estava in loco em São Sebastião do Caí, onde famílias tiveram de ser removidas devido à cheia do Rio Caí e o repórter Alberi Neto estava em Campo Bom, onde o Rio dos Sinos também apresentava viés de alta. Ao todo, 66% das entradas desta edição do “Chamada Geral” abordaram o tema do ciclone-bomba.

Foram 21 entradas feitas durante a edição, o maior número entre os programas analisados neste capítulo, com 19 diferentes repórteres fazendo participações. Os boletins, por sua vez, tiveram média de 1 minuto e 34 segundos de duração, a mais baixa entre as edições roteirizadas neste trabalho. Apenas um boletim foi gravado, realizado por Aline Ecker.

Seguindo uma tendência já apontada na edição de 2019 apresentada em seção anterior, quatro entradas foram feitas por jornalistas oriundos da redação de Zero Hora – Camila Kosachenco, esta duas vezes, Alberi Neto e Iarema Soares. Ademais, quatro entradas foram feitas pelas praças do interior: duas pela Gaúcha Serra, através dos repórteres Noele Scur e Aline Ecker, uma pela Gaúcha Zona Sul, com Frederico Feijó, e uma em Gaúcha Santa Maria, com Naion Curcino. Assim, 38% das entradas feitas na edição foram contempladas por profissionais que não eram provenientes do corpo de profissionais oriundos da Gaúcha em Porto Alegre.

Mais uma vez, não foram utilizadas sonoridades nos boletins emitidos nesta edição do Chamada Geral, indicando uma tendência entre os últimos programas analisados. Por fim, cabe dizer que a fronteira tecnológica estabelecida pela Gaúcha, sobretudo a partir da virada do Século XXI, permite a qualidade de áudio em diferentes pontos do estado, mesmo em um contexto de intempéries meteorológicas e em meio à pandemia de Covid-19.

Figura 8 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 01/07/2020

CHAMADA GERAL - PRIMEIRA EDIÇÃO

QUARTA-FEIRA, 1º DE JULHO DE 2020

APRESENTAÇÃO: Leandro Staudt

=====

LOC - Após ciclone-bomba, cinco rios estão em alerta no Rio Grande do Sul./ Vitor Rosa.//

VIVO - 1'27"

LOC - Em São Sebastião do Caí, famílias voltam a ter que deixar casas com elevação do nível do rio./ Aline Ecker.//

GRAVADO - 43"

LOC - Vento causa mais de 20 quedas de árvores e desliga 64 semáforos em Porto Alegre./ Quem está circulando com a unidade móvel é Tiago Bittencourt.//

VIVO - 1'43"

LOC - Vento, queda de árvores e postes, e um impacto grande na rede de distribuição de energia./ Quase 900 mil clientes das concessionárias de energia elétrica estão sem luz no estado./ Camila Kosachenko.//

VIVO - 32"

LOC - Em Viamão, muitas pessoas sem luz, o muro de uma escola derrubado por uma árvore./ Quem traz os relatos da Região Metropolitana é o Tiago Boff.//

VIVO - 2'25"

LOC - Falta de energia elétrica pode causar também falta d'água em mais de 40 bairros de Porto Alegre./ Jocimar Farina.//

VIVO - 1'59"

LOC - O Chamada Geral vai ao Litoral Norte./ Um hospital foi destelhado em Tramandaí, seis leitos ficaram fora de operação./ Bibiana Dihl, a chuva parou por aí?..//

VIVO - 3'04"

LOC - Do Litoral Norte, vamos para a Zona Sul./ O Porto de Rio Grande volta a operar e 16 embarcações foram afetadas./ Da Gaúcha Zona Sul, Frederico Feijó.//

VIVO - 45"

LOC - Rio dos Sinos deixa moradores de Campo Bom em alerta./ Alberi Neto.//

VIVO - 2'05"

Figura 9 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 01/07/2020

LOC - Cléo Kuhn, a chuva foi, o vento está indo e o frio vem?//
VIVO - 4'38"

LOC - Agora, as manchetes do Esporte./ Começando com o Grêmio, André Silva.//
VIVO - 1'01"

LOC - O Inter, Douglas Demoliner.//
VIVO - 1'22"

LOC - Destaques do noticiário./ Pedro Quintana.//
VIVO - 42"

----- INTERVALO 1 -----

LOC - Santa Vitória do Palmar registrou rajadas de vento de 116 km/h./ Iarema Soares.//
VIVO - 1'05"

LOC - Informações do trânsito./ Tiago Bittencourt.//
VIVO - 1'30"

LOC - Camila Kosachenko tem atualizações de Santa Catarina./ Nove mortes já confirmadas em função dos temporais, Camila?//
VIVO - 1'40"

LOC - Capão Bonito do Sul e Vacaria são as cidades mais atingidas na Serra, Noele Scur?//
VIVO - 1'51"

LOC - Mariana Ceccon, o ciclone-bomba tem efeitos no Rio de Janeiro e em São Paulo?//
VIVO - 1'00"

LOC - Na Gaúcha Santa Maria, qual o impacto do vento, Naion Curcino?//
VIVO - 1'25"

----- INTERVALO 2 -----

Figura 10 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 01/07/2020

LOC - Vamos a Brasília./ Silvana Pires, quando será o Enem 2020?./
VIVO - 59”

LOC - A situação da Pirelli, que começou demissões para fechar a fábrica no Rio Grande do Sul./ Giane Guerra./
VIVO - 1’12”

----- INTERVALO 3 + ENCERRAMENTO -----

4.5 CHAMADA GERAL – 1ª EDIÇÃO DE 9 DE JANEIRO DE 2023

Em 08 de janeiro de 2023, um domingo, os atos golpistas realizados em Brasília – com ecos em outras cidades brasileiras, foram amplamente cobertos pela mídia, incluindo a Gaúcha. Ainda durante o dia anterior à edição aqui apresentada, os jornalistas Rodrigo Lopes e Carlos Etchichury, oriundos de Zero Hora, participaram dos trabalhos jornalísticos diretamente da capital federal. No Rio Grande do Sul, a programação da Gaúcha foi voltada à cobertura da tentativa de golpe de Estado, incluindo a participação de repórteres cobrindo focos de manifestantes contra o governo federal em solo gaúcho.

No rescaldo da tentativa de insurreição testemunhada em Brasília durante o domingo, a manhã da programação da Gaúcha foi dedicada a repercutir os efeitos dos acontecimentos, não apenas no “Chamada Geral 1ª Edição”, aqui analisado. O factual ocorrido mormente na capital federal acabou dominando o programa, com 62,5% das entradas abordando tópicos relacionados aos atos golpistas.

Já na chamada “escalada” do programa, como são chamados os blocos iniciais dos programas noticiosos, um fato curioso é notado: das três primeiras entradas, as três são realizadas por jornalistas oriundos do impresso. Etchichury, editor de Esportes de Zero Hora, abre o programa falando sobre a desarticulação de acampamento de golpistas detidos pela Polícia Federal. Posteriormente, Rodrigo Lopes, editor de Mundo de Zero Hora e, à época, correspondente do Grupo RBS em Brasília, fala sobre a situação na Praça dos Três Poderes. Por fim, Anderson Aires, que cobre Jornalismo Geral em Zero Hora, realiza uma escuta da Polícia Civil gaúcha

em entrevista ao Gaúcha Atualidade falando sobre a investigação quanto à participação de gaúchos nos eventos em Brasília.

Nesse sentido, nota-se um incremento na participação de jornalistas da mídia impressa no Chamada Geral. Das 16 entradas contabilizadas, seis são realizadas por profissionais – os supracitados – oriundos de Zero Hora, o que representa 37,5% das informações emitidas. Pensando em termos temporais, a proporção cai para abaixo de um terço, com 30,5% do espaço ocupado por repórteres, o que faz notar que os profissionais adotaram uma linguagem de concisão e precisão nas informações, típica do meio radiofônico (FERRARETTO, 2001). Outro aspecto relevante é a preponderância do diálogo nas interações entre o âncora e os repórteres, um fenômeno que apresenta uma diferença com relação às duas primeiras edições analisadas neste capítulo.

Foram 16 entradas nesta edição, com todas sendo realizadas ao vivo. A média dos boletins apresentados foi de 1 minuto e 57 segundos, ligeiramente superior à duração média das emissões nas edições analisadas desde a formação de GZH. Ao todo, 13 repórteres participaram do programa e duas sonoras foram utilizadas, quebrando um padrão que vinha sendo apresentado nas seções anteriores – contudo, é importante sublinhar o fato de que ambas sonoras foram fruto de “escutas”, como são chamados no meio rádio os boletins provenientes de entrevistas ou participações em outros programas, sejam da própria emissora, seja de outros veículos.

Chama atenção o espaço dedicado ao Esporte no programa, mesmo em um período de férias dos clubes de futebol. Os boletins da Dupla Grenal, apenas dois, ocuparam 30,5% do tempo das emissões desta edição. Os repórteres Bruno Flores e Saimon Bianchini ficaram cerca de 10 minutos no ar, mesmo que não houvesse qualquer evento esportivo de destaque – a não ser um factual a respeito da despedida do jogador Taison, do Internacional.

Figura 11 – Chamada Geral 1ª Edição de 09/01/2023

CHAMADA GERAL - PRIMEIRA EDIÇÃO

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 2023

APRESENTAÇÃO: Antônio Carlos Macedo

=====

LOC - Ao menos 1,2 mil pessoas são detidas em acampamento e levadas à sede da Polícia Federal, em Brasília./ Carlos Etchichury.//

VIVO - 38"

LOC - Vamos ao Congresso Nacional./ Rodrigo Lopes está acompanhando a vistoria autorizada à imprensa do local.//

VIVO - 4'01"

LOC - Rodrigo [Lopes], hoje pela manhã surgiu uma dúvida sobre aquela informação de que ontem o Exército não havia permitido a ação da Polícia Militar na área [do acampamento]./ O que aconteceu e o que mudou de ontem para hoje?//

VIVO - 32" [QUEDA DE SINAL]

LOC - Governo gaúcho investiga participação de cidadãos do Rio Grande do Sul nos atos em Brasília./ Anderson Aires.//

VIVO - 1'45" + SONORA - 39"

LOC - Retomado o contato com Rodrigo Lopes.//

VIVO - 1'24"

LOC - Uma última questão, Rodrigo Lopes./ Onde está o ministro da Defesa, José Múcio, que inclusive contrariando colegas de governo, que no dia 2 de janeiro havia dito que as manifestações em frente a quartéis são "da Democracia" e que tinha amigos e familiares entre os manifestantes?//

VIVO - 1'22"

LOC - Rio Grande do Sul aguarda resposta do Governo Federal quanto sobre envio de equipe do Batalhão de Operações Especiais da Brigada Militar para reforçar segurança em Brasília./ Gabriel Jacobsen.//

VIVO - 1'40"

LOC - Governador Eduardo Leite embarca para Brasília hoje à tarde para participar da reunião com o presidente Lula, reunião que contará com a participação de todos os governadores./ Kelly Matos.//

VIVO - 1'50"

----- INTERVALO 1 -----

Figura 12 – Roteiro do Chamada Geral 1ª Edição de 09/01/2023

LOC - Polícia Federal utiliza imagens de drones, posts em redes sociais e até vestígios de DNA para identificar participantes de atos em Brasília./ Lisielle Zanchettin.//
VIVO - 35"

LOC - Ministro da Secretaria de Comunicação sugere cumplicidade por parte de autoridades na destruição das sedes dos Três Poderes./ Bibiana Dihl.//
VIVO - 1'35" + SONORA - 28"

LOC - Presidente da Assembleia Legislativa emite nota de repúdio e classifica como "terrorismo" atos em Brasília./ Gabriel Jacobsen.//
VIVO - 1'30"

LOC - Governo Lula reavalia leilão que pretende criar 13 praças de pedágio no Rio Grande do Sul./ Jocimar Farina.//
VIVO - 1'26"

LOC - Não podemos esquecer das informações do trânsito./ Alô, Leandro Rodrigues.//
TEC – VIVO - 1'51"

LOC - Produtor do Vale do Taquari que causou mortandade de peixes após despejar esterco de porco em arroio é multado em mais de 50 mil reais./ Tiago Boff.//
TEC – VIVO - 1'00"

MANCHETES DO ESPORTE

LOC - Grêmio./ Bruno Flores.//
VIVO - 4'08"

LOC - Internacional./ Saimon Bianchini, Taison saiu dizendo "cobras e lagartos" após uma rescisão que disse ser "amigável.//
VIVO - 5'28"

----- INTERVALO 2 -----

LOC - Previsão do tempo./ Cléo Kuhn.//
VIVO - 40"

----- ENCERRAMENTO -----

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado propôs, como principal objetivo, analisar a emissão de repórteres em diferentes edições do programa “Chamada Geral”, da Rádio Gaúcha, antes e depois da criação da Redação Integrada de GZH, formada em setembro de 2017. Acredita-se que o objetivo foi alcançado, ao serem roteirizados cinco diferentes edições do programa, ao longo de um período de mais de sete anos. Claro está que não é possível estabelecer uma perspectiva *totalizante* para os fenômenos encontrados no percurso da análise, uma vez que a amostra obtida é deveras reduzida se comparada ao conjunto de edições que o período abarca para o programa em questão.

Contudo, é possível notar algumas *tendências*, a partir da elaboração dos roteiros dos programas. Nota-se, por um lado, uma maior profusão de repórteres participando das edições, que certamente foi ajudada pela presença de profissionais oriundos dos elencos de Zero Hora e que não foram originalmente recrutados como jornalistas do meio rádio. Ademais, com a criação das “praças” da Gaúcha no interior, também foi notada a crescente participação de profissionais de Gaúcha Serra, Gaúcha Santa Maria e Gaúcha Zona Sul.

Não foi notado algum incremento substantivo no período de tempo em que repórteres ficaram no ar, com variações circunstanciais e justificadas pela relevância do factual abordado pelo jornalista – aqui, cita-se em específico a primeira edição analisada, com tempo médio de permanência no ar superior a 2 minutos. Porém, é flagrante a parca utilização de sonoras; talvez por acaso, mas nenhuma sonora fruto de trabalho de apuração foi utilizada em quaisquer dos programas analisados que fossem posteriores a 2017, com as duas únicas sonoras sendo resultado de escutas elaboradas a partir de programas que foram ao ar na grade de programação anteriormente.

Outrossim, uma mudança no posicionamento do âncora também foi notada, embora não fosse o objeto do trabalho proposto. Vê-se uma postura cada vez mais dialogante, *conversando* com o repórter e conferindo maior coloquialidade para o conteúdo jornalístico. Além disso, o advento da interatividade foi notado, com os

âncoras solicitando a participação dos ouvintes via canais de comunicação do Grupo RBS a partir da edição de 2020.

Como lacuna no cumprimento do objetivo geral, fica o desejo acadêmico de se debruçar em material mais extenso para, além de roteirizar a participação de repórteres ou tempo, focar mais no discurso emitido – linguagem mais ou menos coloquial, presença do lide, formato da emissão no gênero informativo e afins. À guisa de sugestão para futuros pesquisadores do tema, parece haver aí um rico manancial acadêmico.

Para cumprir tal ensejo, porém, seria necessário um cuidado maior com os acervos das emissoras porto-alegrenses. Tendo o autor trabalhado nas provavelmente mais históricas emissoras radiofônicas gaúchas – Rádio Gaúcha e Rádio Guaíba –, é notado e lamentando o descaso com a memória do meio rádio em solo gaúcho. Na própria Gaúcha, a mais poderosa emissora do estado em tempos contemporâneos, poucos registros históricos têm fácil acesso, à exceção de arquivo de gols do Esporte, armazenado em fitas cassete na sala de produção da emissora.

Antes de chegar ao objetivo geral, porém, foram percorridos três objetivos específicos, os quais também se acredita que foram cumpridos satisfatoriamente. Apresentou-se, em primeiro lugar, um panorama do meio rádio, com enfoque nos gêneros do Radiojornalismo contemplados no “Chamada Geral” e no trabalho do repórter. Ali, foram elencadas as mudanças na percepção do meio rádio de um ponto puramente técnico para outro, que abarca o aspecto cultural, correspondente a uma abordagem contemporânea (FERRARETTO, 2022). Ademais, procurou-se mostrar o porquê de os gêneros informativo e utilitário pertencerem ao conteúdo jornalístico do programa analisado (MELO, 2012).

Posteriormente, foi apresentada uma proposta de periodização da história do rádio no Brasil, percorrendo as fases de implantação, difusão e segmentação, para finalmente abordar a fase da convergência (FERRARETTO, 2012), onde o panorama atual do rádio é permeado pela presença de uma cultura de convergência (JENKINS, 2009), a qual faz com que o advento da fase de convergência no meio rádio não se justifique apenas por aspectos de ordem técnica, além de fatores conectados à Economia Política da Comunicação (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010).

Por fim, o último objetivo específico proposto foi abordado ao se apresentarem elementos que estruturam o jornalismo multiplataforma, buscando abordar também as mídias impressa e digital (GRUSZYNSKI; SANSEVERINO, 2017 e SOUSA, 2018). Também foram apresentados elementos que debatem a constituição da mensagem multimídia (SALAVERRÍA, 2014) e a própria linguagem radiofônica nesse quadro (ROSSETTO, 2015).

A partir desse panorama, foi introduzida a contextualização a partir da qual o jornal Zero Hora e a Rádio Gaúcha assumiram processos convergentes (SEIBT, 2014; FERRARETTO, 2018), os quais acabaram por redundar na formação da Redação Integrada, criada a partir de uma lógica empresarial que visa à maximização do lucro procurando uma estratégia colaborativa e não concorrencial entre dois veículos pertencentes ao mesmo grupo midiático (FERRARETTO; JUSTINO, 2019).

O resultado do fenômeno descrito no processo de integração dos dois veículos ainda é, pensando em uma fase de convergência que se aproxima das três décadas, relativamente recente. Contudo, conforme levantamentos feitos junto a institutos de medição de audiência na Região Metropolitana de Porto Alegre, a Gaúcha segue ampliando sua liderança no meio rádio – um aspecto peculiar na radiodifusão brasileira, em que os primeiros lugares em ranqueamentos normalmente são ocupados por emissoras musicais que já foram criadas em frequência modulada. A continuidade da liderança isolada da Gaúcha, na opinião do autor, é justificada pela compreensão do processo convergente no qual a radiodifusão está inserida e na busca por antecipar movimentos com relação a concorrentes do meio rádio.

Por outro lado, a tangibilidade da avaliação dos impactos da criação da redação integrada em Zero Hora ainda é incipiente e acredita-se que é uma lacuna na pesquisa acadêmica no Rio Grande do Sul nos últimos anos, após a criação da marca GZH – que, inicialmente, privilegiava a própria marca da Gaúcha ao ser grafada constantemente como “GaúchaZH”. Ao contrário, por exemplo, do caso da Folha de S. Paulo, que soube reverter um quadro de crise na circulação de sua versão impressa, constantemente ultrapassada pelas vendas de Estadão e O Globo, ao fortalecer sua carteira de assinantes digitais e ser líder nessa área, o autor deste trabalho acredita que a criação de uma marca nova para o meio digital de forma tardia

pode ter sido uma estratégia equivocada para o jornal. Esta, aliás, também foi a opinião das próprias associações de empresários do ramo no início do Século XXI.

De qualquer forma, como proposição de novas agendas de pesquisa, uma tentativa de compreender como a integração da redação e a formação de uma nova marca, inserida no meio digital, pode ser uma proposta interessante. Por um lado, há a contribuição dos jornalistas originalmente associados à Rádio Gaúcha, que transformam a maioria de suas apurações em produtos publicados no meio digital, de forma a criar o ambiente colaborativo e não-concorrencial típico do processo convergente percorrido pelos veículos e que redundaria no projeto concretizado em 2017. Contudo, restam dúvidas sobre se a audiência em carteira digital dos assinantes de GZH conseguem suprir os efeitos da crise da mídia impressa, iniciada ainda no final do Século XX.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Jornalismo para Rádio, TV e Novas Mídias**. São Paulo: Elsevier, 2013.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. 2016. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>. Último acesso em 02/04/2023.
- COSTA, Lailton Alves da. “Gêneros jornalísticos”. In: MELO, J. M; ASSIS, F. (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. pp. 43-83.
- DOMINGO, David.; et al. “Four Dimensions of Journalistic Convergence: A preliminary approach to current media trends at Spain”. **8th International Symposium on Online Journalism**. 2007. Disponível em: https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/5114/1/Four_dimensions_of_journalistic_convergence.pdf. Último acesso em 12/04/2023.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2001. 2ª Ed.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul: As Emissoras Comerciais e suas Estratégias de Programação na Segunda Metade do Século XX**. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.
- FERRARETTO, Luiz Artur. “Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil”. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y de la Comunicación*, v. XIV, n. 2, Mai-Ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/418/332>. Último acesso em 20/03/2023.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **A modernização da Gaúcha**. Disponível em: <http://www.radionors.jor.br/2018/11/a-modernizacao-da-gaucha-2018-luiz.html>. 2018. Último acesso em 18/07/2022.
- FERRARETTO, Luiz Artur. “Um Século em 21 anos: O Rádio Brasileiro sob a Convergência (Ou das Fantasias Eletrônicas à Incerteza Gerencial)”. **Novos Olhares**. Disponível em: <

<https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/191534/180846#toc>> Último acesso em 11 de março de 2023.

FERRARETTO, Luiz Artur; JUSTINO, Guilherme. “**Você vê. Você lê. Você ouve**”: a convergência entre rádio, on-line e jornal em GaúchaZH. Trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202784/001106490.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 19/03/2023.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. “Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação”. **Revista FAMECOS**, v. 17, n.3, pp. 173-180. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/8185/5873/28702>>. Acesso em 18/03/2023.

FERRARETTO, Luiz Artur; MORGADO, Fernando; SABALLA JR., Léo Henrique. “O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios.” **Revista Rádio-Leituras**, Mariana, v. 10, n. 01, jan./jun. 2019, pp. 22-40.

FERRARETTO, Luiz Artur; SABALLA JÚNIOR, Léo Henrique. “Alterações no Formato da Reportagem no Programa Chamada Geral, da Gaúcha, de Porto Alegre: dos anos 1980 até a contemporaneidade.” **Revista Latino-Americana de Jornalismo, ano 7, v. 7, n. 1, jan./jun. 2020, pp. 19-38.**

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis: comprender los nuevos medios**. Buenos Aires: Granica, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRUSZYNSKI, Ana; LINDEMANN, Cristine. “O jornal Zero Hora e sua audiência no contexto da convergência jornalística”. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 14, n. 28, 2015, pp. 67-80. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/17720/pdf>. Último acesso em 18/12/2023.

GRUSZYNSKI, Ana; SANSEVERINO, Gabriela. “Design de Jornais Multiplataforma”. **XV Congresso IBERCOM**, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017.

GZH. “Assembleia aprova aumento da alíquota básica de ICMS. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/09/assembleia-aprova-aumento->

[da-aliquota-basica-de-icms-4853649.html](#). Último acesso em 18 de dezembro de 2023.

GZH. “GaúchaZH: plataforma digital une forças de ZH e Gaúcha”. **GZH**. 21 de setembro de 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2017/09/gauchazh-plataforma-digital-une-forcas-de-zh-e-gaucha-9908535.html>. Último acesso em 10 de dezembro de 2023.

GZH. “Ciclone-bomba: entenda o fenômeno que atinge o RS”. **GZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2020/06/ciclone-bomba-entenda-o-fenomeno-que-atinge-o-rs-ckc2aa2ux00ev0162hiko1552.html>. Último acesso em 11 de dezembro de 2023.

HAMMES, Tomás. “MP do RS denuncia ex-presidente do Sport Club Internacional e outras 13 pessoas por desvio de dinheiro”. **G1 RS**. 06 de novembro de 2019. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/11/06/mp-do-rs-denuncia-ex-presidente-do-sport-club-internacional-e-outras-13-pessoas-por-desvio-de-dinheiro.ghtml>. Último acesso em 18 de dezembro de 2023.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1996. 6. ed.

ITO, Liliiane de Lucena; VENTURA, Mauro de Souza. “A Reportagem Multimídia Interativa: inovação, produção e monetização”. **Brazilian Journalism Research**, v.12, n. 6, pp. 140-159. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KLÖCKNER, Luciano. “A edição radiofônica no Brasil: aspectos históricos e Técnicos”. In: FELIPPI, A.; SOSTER, D. de A.; PICCININ, F. (Org.). **Edição em jornalismo**: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 2006. p. 78-95.

LONGHI, Raquel Ritter. “O turning point da grande reportagem multimídia”. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, set.-dez. 2014.

MEDITSCH, Eduardo. “O ensino do radiojornalismo em tempos de internet”. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. 2001. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/np6meditsch.pdf>>. Último acesso em 10/04/2023.

MELO, José Marques de. “Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos”. In: MELO, J.M. LAURINDO, R. ASSIS, F. (Orgs.). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

MENDES, Moisés. “O Adeus a Paulo”. **GZH**. 20 de julho de 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/Adeus-Paulo-Santana/>. Último acesso em 18 de dezembro de 2023.

PAGANELLA, Eduardo Rodrigues. **O Repórter de Rádio no Rio Grande do Sul: Uma Reflexão da Atividade sob o Prisma da Economia Política da Comunicação**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo Jovem Pan**. São Paulo: Ática, 1989.

PRODANOV, Cléber; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RÁDIO GAÚCHA. **Chamada Geral – Primeira Edição**. 22 de setembro de 2015. Arquivo em formato áudio.

RÁDIO GAÚCHA. **Chamada Geral – Segunda Edição**. 20 de julho de 2017. Arquivo em formato áudio.

RÁDIO GAÚCHA. **Chamada Geral – Primeira Edição**. 06 de novembro de 2019. Arquivo em formato áudio.

RÁDIO GAÚCHA. **Chamada Geral – Primeira Edição**. 1º de julho de 2020. Arquivo em formato áudio.

RÁDIO GAÚCHA. **Chamada Geral – Primeira Edição**. 09 de janeiro de 2015. Arquivo em formato áudio.

ROSSETTO, Andrei dos Santos. **Particularidades do Uso de Vídeo na Rádio Gaúcha em um Contexto de Produção de Conteúdo Multiplataforma**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Comunicação e Informação. 2015.

SABALLA JÚNIOR, Léo Henrique. **A mudança do padrão de emissão na reportagem da Gaúcha: uma análise da preponderância do ao vivo na fase da convergência**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SALAVERRÍA, Ramón. “Multimedialidade: Informar para cinco sentidos”. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcaram diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

SEIBT, Taís. **Redação Integrada: A Experiência do Jornal Zero Hora no processo de convergência jornalística**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2014.

SOUSA, Maira de Cássia Evangelista de. **Jornal e Mobilidade: reconfigurações do impresso ao multiplataforma**. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SOUZA, Matheus Schuch de. **Radiojornalismo e convergência digital: uma análise das rotinas de repórteres em emissoras All News**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília, 2020.

